

Osmar G. da Silva

Bilbao, Bilbo, Bilbao

para

**Helena
João
Bilbao e os outros**

“Os olhos de Esteban tinham um tom azulado em volta, como olhos que começam a ficar cegos com catarata. Ele chorou por meu pai, silenciosamente, e se enclinou na cadeira, com as duas mãos sobre o estômago. Estendi o braço e toquei o seu joelho. Ele balançou a cabeça com um leve soluço de dor. Parecia uma criança gemendo no sono. _ Vou sentir falta dele- disse.”

Sam Shepard

Bilbao, Bilbo, Bilbao

Este é um livro de ficção. A semelhança dos personagens com pessoas é coincidência. Mera coincidência.

SUMÁRIO

À parte revelada da estória de Diego Clavé anos atrás.

A morte do Jacaré

Frei Diego e o Sudaca (antes de ser)

O Aniversário da tia Maria

À parte revelada da estória do freiDiego, do Sudaca e dos outros.

A borboleta marrom voou!

A sopa de Grão de Bicos

A conversa na Plaza Nueva

O mestre chinês e o gafanhoto

Kastrexana ou Dormindo com os Anjos

A fuga de Agury

O oficial Gay

O manuscrito de Sócrates ou O chinês enlouqueceu

Nota final

EUSKAL HERRIA, o povo- nação mais antigo da Europa
A sobrevivência

.Bilbao, Bilbo, Bilbao

Quando ele desembarcou no Aeroporto Sondika em Bilbao, sabia que Diego Clavé estaria a sua espera. Era a primeira vez que viajava para a Europa a convite do amigo. Carregava em sua mala de viagem lembranças inesquecíveis, que teriam de ser superadas para recomeçar definitivamente sua vida. Difícil, porque o destino humano caminha por atalhos diferentes e surpreendentes, engendra o futuro, levando em conta o passado, e um homem maduro nunca se livra dos seus fantasmas! Terá que carrega-los o resto da vida!

À parte revelada da estória de Diego Clavé, anos atrás.

Com a desativação dos estaleiros em Bilbao, Diego Clavé, metalúrgico, soldador de tubos, não vacilou quando recebeu a resposta do escritório consular brasileiro para trabalhar na Steel Company. Enfiou tudo que tinha, quase nada, o bastante para entupir a velha e curtida mala de viagem. Como não tinha fecho, sentou-se para ajustar a tampa e amarrou forte. Embarcou na primeira linha aérea com passagem financiada e foi fazer a “América.”

Os primeiros seis meses acotovelou-se com mais de quinhentos operários nos alojamentos do canteiro de obras.

_Espanhol!, procura os patrícios do clube Espanhol na cidade! Mexe-te *Hombre!*, falava Serjão o companheiro de beliche.

_Venho do País Basco. Um dia, vou te contar um pouco da história do meu povo. Eu sou Basco!- e sorria.

Serjão e outros, tanto aconselharam, que ele apareceu no clube Espanhol. E, foi recebido de braços abertos. Como não podia ser

de outro modo, eles sabiam o que tinham passado para refazer a vida em terra estranha, e tinham que ser solidário com o conterrâneo basco. Enfim, com apoio do pessoal do clube, alugou um pequeno apartamento no Beira Mar, bairro de classe média, de gente simpática e daí até entrar no grupo de amigos foi um passo. Aquele pessoal folgado ficava as tardes de sábado, tocando pagode no Zé das Batidas, uma varanda no Super Centro, onde se preparavam batidas de frutas, e era ali que Diego se metia. Bebendo, cantando e olhando as saias, quando não estava no turno da siderúrgica.

A saudade da sua terra já não apertava tanto. Adorava as praias, o clima quente, o chope gelado e o mulhero. Ele era querido no grupo, que, também circulava nos bailes das quintas, no clube Espanhol.

_A Mina não te larga mais!- disse o Pepito, sentado na mesa com o Bacia.

_Ela gosta é do Dieguito, dá uma olhada como eles dançam! E depois eu estou em outra.- esclarecia o Bacia, quando os dois se aproximavam de mãos dadas.

_Olha, aqui! Não sei o que vocês dois estão tricotando, mas já vou avisando, não sou comprometida!- disse a Mina, e apontando para os dois- Dieguito é dançarino, não é uma “bola muxa”!

_Olé!- gritava Diego, sapateando. E todos riam.

Quando não estavam no baile, o ponto de encontro aos domingos era a Vila Belmiro, na torcida Sangue Santista torcendo pelo Peixe! A Mina, Diego, Pepito e o Bacia eram sem dúvida a patota do Beira Mar!

No entanto, foi a turma da pesada dos operários da siderúrgica com Serjão, Jacaré, Cerezo, Baiano, Martelo e o João Banha que aos poucos levavam o Espanhol para o movimento operário. A cidade tinha uma tradição de lutas sindicais importante. Não era à toa que tinha sido chamada de A Cidade Vermelha!

Naquele grupo de metalúrgicos conversando no pátio da Steel, estavam eles, e chamando os que se aproximavam para discutir aumento de salário, assistência médica, e a falta de equipamentos

causadores dos últimos acidentes. Mesmo porque Diego Clavé tinha experiência desses problemas com os metalúrgicos em Bilbao.

_ Não é possível!- A morte do companheiro Valmir, com queimaduras em setenta por cento do corpo ainda esta presente no nosso dia a dia. Indignava-se. Todo os meses acidentes com resultados algumas vezes trágicos.

_ É verdade.- disse João Banha tirando o capacete da cabeça.-isto aqui esta rachado! vejam, e sabe o que a manutenção diz; “se vira com esse mano”!

_ Espanhol! Na semana passada quando o finado Helio despencou do andaime, o pessoal da aciaria descobriu que aqueles cabos estavam rotos. Não sei se você sabe, mas a manutenção depois recolheu tudo e sumiu com as provas.-relatava o Baiano.

_ Sei sim. O Cerezo me contou no Sindicato. Ele esteve reunido com o pessoal da Siderúrgica Aço Norte a respeito de uma doença estranha que esta pegando a turma da coqueria.

_ Precisamos exigir da empresa equipamento de proteção para trabalhar com segurança -ênfatizou o Banha segurando o capacete.

_ O encarregado vem aí! Vamos mudar de assunto.

_ O Espanhol tem razão! É isso mesmo - ficou conhecido no meio dos operários por suas opiniões.

_ Espanhol, não. Basco. Mas o pessoal não entendia. Muitas vezes ficava explicando.-Basco é Basco. Espanhol é Espanhol. Basco nasce no País Basco. Mas que nada.

_ ”Vamos te chamar é de Espanhol”.

_ Espanhol, Queremos você na comissão interna de prevenção de acidentes-disse o Serjão, que representava o grupo de metalúrgicos.

Foi eleito membro da comissão interna de prevenção de acidentes para fiscalizar as normas de segurança, passando ter livre acesso às estatísticas de acidentes na empresa. Mas, um fato que começou a despertar sua preocupação foi o numero bastante alto de metalúrgicos sendo afastados pelo departamento médico sem

explicação convincente. _ “Isto é muito estranho”! Começou a visitar os companheiros. Fazer perguntas.

_ Tudo que eu sei é que me mandaram fazer um exame de sangue. Agora estou de licença recebendo uma miséria de salário-

_ Mas, companheiro, e o resultado dos exames?

_ Deve estar no departamento médico da empresa! Era a resposta. Lembrou-se das palavras do Cerezo “Na Siderúrgica Aço Norte tem uma doença estranha pegando a turma da coqueria”

No departamento médico os funcionários se recusavam a devolver o resultado dos exames de sangue dos quase cem trabalhadores afastados. Reuniu os metalúrgicos da comissão interna de prevenção de acidentes no sindicato e relatou a situação. A resolução aprovada era que um fato grave estava acontecendo com a saúde dos empregados, a empresa sabia e estava escondendo.- “Vamos pressionar o departamento médico para revelar o resultado dos exames de sangue” - disse .

Acionaram o advogado do sindicato. O Doutor Malaquias cansado de lutas e de cachaça. Tinha sido muito competente no tempo da intervenção militar no sindicato, quando os militares tomaram o poder com golpe de estado. Mais isso já estava no passado. Agora Doutor gostava da branquinha –era um pinguço da primeira fila, conhecido como Doutor Mala!

Diego Clavé entrou na sala procurando pelo advogado.

_ Ele não está. Acho que esta com o presidente. Quer que eu anuncie?-ela pegou o interfone.

_ Sim, por favor.

_ É da sala do presidente? O Doutor Malaquias está aí? _ Sim!, peça para ele descer, que o Espanhol da comissão de segurança esta aqui.

Diego ficou furioso.-Posso me sentar para esperar?

_ Sim. O doutor já esta descendo.

_ Você tem parente espanhol? Ele perguntou.

_ Sim, da parte da minha mãe são todos espanhóis. Porque?

_ Porque, espanhola é tua mãe! Eu sou Basco-disse sorrindo.

_É? Não sabia,mas na área todos te chamam de espanhol!Naquele instante o Doutor Malaquias vinha entrando.-Então Espanhol o que manda? Entre pra cá.

Diego levantou-se para a sala do advogado, enquanto ela o acompanhava com o olhar picuinha “é espanhol mesmo”!.

_Então Doutor, o documento já esta pronto? Queremos apresentar ainda esta semana no departamento médico da empresa.

_Olha. Estive conversando com uns colegas advogados trabalhistas a respeito da petição para requisitar os exames de sangue.Eles acham que é bom esperar um pouco.

_Como esperar!Primeiro a comissão interna de prevenção de acidentes tem autonomia para requisitar estes exames.Não precisamos de consultas e opiniões de rábulas e muito menos de autorização da empresa.A comissão esta apenas utilizando o caminho normal.

_Bem, Espanhol veja lá como fala!Posso processa-lo por ofensa-disse com firmeza.

_Muito bem.Doutor Mala! Então vou falar com o presidente e convocar a imprensa-afirmou irritado.

Tão logo Diego saiu, o advogado saiu atrás pedindo calma, que tudo seria resolvido, entretanto subiu as escadas para a sala do presidente.

_Pode entrar doutor Malaquias.O senhor esta dispensado deste caso.O sindicato vai convocar uma coletiva com a imprensa.O companheiro Espanhol tem razão, o doutor precisa de umas férias.

_Mas,presidente.Este caso é muito grave.

_Sim.É mesmo.A diretoria tem informações das insanas declarações do doutor Sá Guerra, da Siderúrgica Aço Norte no seminário interno, afirmando que os companheiros afastados deviam voltar ao trabalho para se sentirem útil socialmente!

_Este fato é novo para a comissão, e revela que existe algo de “podre no reino da Dinamarca”!- disse .

_Espanhol!O sindicato dará todo apoio.

Quando saíram os olhos do doutor Mala eram dois punhais lançados em direção de Diego.

_Espanhol! você me paga.-ruminava ferozmente o Mala.E Diego sorria.

No dia seguinte Diego reuniu os companheiros no pátio da empresa.Relatou o acontecido e decidiu procurar Antero o jornalista da Folha de Notícias.

Antero topou e dois dias depois na primeira página como manchete, estava publicada a reportagem denunciando que dezenas de metalúrgicos tinham sido afastados pelo departamento médico por uma doença de causa ignorada. O departamento médico da empresa não demorou em entregar um relatório, e reunir no anfiteatro, a comissão interna de prevenção de acidentes sobre a doença dos trabalhadores.

Estavam ali os membros da comissão de metalúrgicos, o presidente do sindicato, o doutor Malaquias (já com as férias marcadas), o jornalista Antero da Folha, o doutor Sidnei Gebels engenheiro ph.D, quando o Doutor Boa Ventura chefe do departamento médico da Steel Company entregou os exames e o diagnóstico da estranha doença.

_Leucopenia!Esta aqui escrito.Muito simples,não? O que fazemos é mandar o doente para casa, longe da contaminação! –disse categórico, dentro do seu engomado avental branco o doutor Boa Ventura .

Diego Clavé argumentou que a empresa tinha que tomar medidas de amparo às famílias dos trabalhadores, como suporte médico para acompanhamento da enfermidade e apoio psicológico.

_Peço a palavra!- a voz grave do negro Cerezo da comissão ecoou na sala.-Doutor o senhor quando me afastou da área depois de olhar meu exame de sangue, disse que esta doença era própria de negros!

_É verdade.Meu exame também estava na sua mesa.-disse Jacaré confirmando.

_Bem,Segundo o professor M. Ruinze nosso hematologista titular a Leucopenia não é doença, nem hematológica e nem ocupacional!É um dado laboratorial! A empresa se obriga a fazer a higiene industrial, diga-se de passagem o que tem sido muito bem feito, e afastar o paciente.

Naquele instante a indignação tomou conta dos membros da comissão. A verdade é que a direção da empresa alicerçada no laudo pseudocientífico de doutores e professores “marca barbante” concluiu que a doença era uma questão genética específica da raça negra.

_Eu diria mais-berrou o engenheiro Gebels.

_Coquerias como as nossas exigem braços fortes, do contrario não agüentaria o tranco e negros porque esta não seria uma ocupação de brancos...

_ Os doutores vão ter que defender suas teses de racismo na mídia.- vamos organizar uma coletiva com a imprensa e a televisão-Interrompeu irritado Antero.

_Racismo? Rararará! gargalhou o engenheiro Gebels.

_Mas isto também não é assunto que interessa ao público.- interveio o Doutor Boa Ventura.

_É sim doutor.É assunto grave, de saúde pública, que esta atingindo metalúrgicos e suas famílias e a sociedade tem que ser informada.Vamos convocar uma assembléia especifica no sindicato.Serão convidadas a associação dos médicos e a ordem dos advogados.- rebateu Diego, perplexo com o que ouvia..

_A presidência do sindicato dará todo respaldo a iniciativa dos metalúrgicos membros comissão interna de prevenção de acidentes.- disse categórico o presidente.

Realmente, o presidente do sindicato, tinha trabalhado na coqueria,e também estava acometido pela doença, e concluiu:

_Os metalúrgicos e a comunidade querem saber da verdade, porque eu também tenho a leucopenia e não sou negro!.

Ouviu-se um murmúrio na sala com a revelação surpreendente.

Leucopenia era a diminuição das taxas normais de glóbulos brancos provocada pela exposição dos metalúrgicos à substancias altamente tóxicas.Pela primeira vez falava-se desta doença atingindo trabalhadores que operavam nas áreas poluídas pelo benzeno,sub produto do carvão coque na fabricação do aço.Não se sabia as conseqüências, com também a cura, e as seqüelas alongo prazo.

A Morte do Jacaré

Assim, a investigação de Diego Clavé foi o início de uma denuncia grave que envolvia, e atingia mais de oitocentos metalúrgicos, como também trabalhadores em instalações petroquímicas, industrias químicas de tintas, vernizes, atividades de pintura por pulverizações. Enfim operários e operárias de quaisquer raças desde que estivessem expostos ao benzeno poderiam contrair a moléstia.

Jacaré tinha sido afastado e seu estado de saúde tinha piorado depois da tumultuada reunião na empresa. Vivia com a mulher e três filhos no conjunto habitacional Pé na Cova. Era um aglomerado de prédios onde moravam muitas famílias operárias, assim conhecido, porque ficava junto ao cemitério da cidade.

_Mulher!, tu tens que ir para a porta da empresa esperar o Serjão e o Espanhol. Não estou nada bom.-disse sentado olhando pela janela o campo santo, com suas campas e cruzes.

_Vou sim. Quando os meninos chegarem do grupo escolar. Eu os encontro na saída do turno da tarde. Meu nego, tu tem que comer alguma coisa. Tu já se olhou no espelho? esta com cara de defunto preto. Pálido com essas olheiras.!

_Depressa, depressa trás o penico mulher, vou vomitar de novo!. Não deu tempo. O vomito vinha em golfadas amarelas espalhando-se pelo assoalho desbotado e moveis simples do quarto.

_Aqui, dentro nego. Ah! meu deus!- segurando a cabeça do marido com uma mão e com a outra o penico. Jacaré com a cara enfiada, vomitava e vomitava.

_Mulher! a cólica esta voltando. Dói muito!

Dinorá arrastou o marido que desmaiara para a cama. Limpou o vomito do assoalho e trocou as roupas sujas por limpas.

_Nego escuta! tá escutando!Eu vou buscar eles agora na empresa, nem que tenha que invadir aquela merda!.Agüenta firme.

Lá se foi aquela mulher desesperada em busca de ajuda.Tomou o ônibus Fabril, e em pouco tempo, estava nos portões de entrada da empresa.

_Por favor seu guarda!. Eu tenho que falar no departamento médico.O Jacaré tá muito mal.É grave o estado dele.

_Um momento que vou ligar no departamento.Pegou o interfone.- Alo! departamento médico?Sim! avise o doutor Boa Ventura que a mulher do Jacaré esta aqui na portaria.O caso é grave. Sim! Sim!

_A senhora pode entrar.Siga toda esta alameda, é no prédio à esquerda.Tem uma placa de aviso.

A notícia logo se espalhou.O pessoal da coqueria, Diego, Serjão e os outros abandonaram seus postos e foram para o departamento médico.Dinorá estava entrando na sala do doutor quando eles chegaram.

_Vamos entrar todos juntos.Queremos saber do Jacaré.-disse o Serjão.

_Não senhor.Aqui quem manda sou eu.Só entra a dona Dinorá.O assunto diz respeito ao seu marido.

_Isso é o que o doutor pensa!Este assunto interessa também a todos nós.Agora é de domínio público.E invadiram a sala.

Dinorá falou da situação grave do estado de saúde do marido.Batia na mesa do doutor e apontava o dedo em riste para aquela cara com dois olhos de sapo!.

_Tem que ser já, agora. Ele vai morrer doutor.E desandou a chorar.Os outros estavam cercando prontos para avançar!

_Vou autorizar a ambulância imediatamente para a remoção do Jacaré ao hospital.Vocês podem ir juntos.-O doutor tinha ficado preocupado e acuado com o que ouviu.Certo que ia levar uns sopapos! Estava tremulo e pálido.

Quando chegaram, as crianças já estavam em casa e chorando.

Entraram no quarto, a mulher, Serjão e Diego esperando o pior.Jacarezinho, o filho mais velho,estava branco como cera, disse em soluços:

_Pai morreu afogado no próprio vomito!, mãe.

Jacaré morreu de benzenismo, intoxicação pela inalação e exposição sistemática ao benzeno.

_Serjão! vai prá empresa esperar o pessoal do turno, que vou pro sindicato convocar uma assembléia. Agora a cidade vai tomar conhecimento da verdade- decidiu Diego, saindo apressado.

_Comadre! vamos levar o corpo pro sindicato-Disse Serjão, vestindo o defunto.

_Não sei, vou pensar. Tome este terno. É do casamento. O Nego só usou no batizado do bacurizinho, mas feche a boca dele!

_Já fechei. Ela abre. Comadre! Jacaré não podia morrer. Comadre! vê como ele ficou magrinho. Pararam de vestir as calças no defunto e começou a chorar com ela.

_ O velório tem que ser aqui na casa dele! Vai ser aqui! Quem quiser ver o meu nego morto, vai ter que vir aqui!-gritava a mulata Dinorá da janela do quinto andar do Pé na Cova, defronte pro cemitério.

Foi um dos maiores enterros que já se teve notícia, o do metalúrgico Jacaré, uma das primeiras e não seria a última vítima da contaminação do benzeno.

As ruas ficaram tomadas pela piãozada. O apartamento entupido. O calor insuportável e o cheiro do defunto com as flores das coroas espalhadas pela pequena sala invadiam todo o conjunto habitacional.

Na esquina Diego, Serjão, Cerezo e o pessoal da comissão interna de prevenção de acidentes discutiam com integrantes do comitê de leucopênicos uma declaração a imprensa.

_Pessoal vamos tomar umas e outras. Temos que subir pra dar o último adeus ao companheiro- disse o negrão Cerezo arrastando a turma para o balcão.

Mais conversa e mais caninha! O português do bar não podia ver os copos vazios! Naquela altura a conversa estava enrolada e as pernas balançando. Diego puxou Serjão, que puxou Cerezo e todo o pessoal para o quinto andar onde estava o defunto Jacaré.

Na sala, o padre Trivela, dizia as últimas palavras de consolo exaltando a figura do Jacaré, quando o grupo chegou, empurrando e afastando a piãozada até encostar-se ao caixão.

Jacaré ali deitado. Mãos cruzadas no peito, boca fechada com o queixo amarrado na cabeça pelo Serjão, estava com um semblante sereno de paz.

O papa defunto pediu licença para fechar o ataúde. Dinorá começou a chorar e gritar. As crianças foram afastadas carinhosamente pela avó. Serjão tirou do bolso uma bandeira do Partido toda amarrotada e esticou em cima do caixão alisando com as mãos.

_Companherinho, companheirinho,... compadre vai a paz juntar-se aos comunistas do mundo que já se foram, no céu, com Lênin e o exercito vermelho... Espere por nós...

O bafo de Serjão e dos outros era pura cachaça. Os seis agarraram as alças do caixão e com passos trôpegos foram descendo as escadas estreitas do prédio, com todo cortejo atrás. Batia na parede. Levantava na curva. Abaixava depois. E Cerezo tropeçou! Rolaram, se embolaram e despencaram abaixo.

Quando encontraram Jacaré, o caixão estava em pedaços e as flores espalhadas pelas escadas.

_Porra! o ataúde era de segunda!-afirmou com surpresa Cerezo.

Juntaram tudo, fecharam a tampa, e saíram rua afora carregando aos trancos e tropeços e entrando pela porta do cemitério.

Caminhando pela alameda central, aquela procissão humilde carregava o que restara do caixão encima da carreta funerária.

A carneira já estava aberta esperando o defunto, quando desabou uma chuva de verão jamais vista nos últimos anos alagando tudo. Enfiaram o caixão em pedaços com o Jacaré e a bandeira do Partido no buraco e cimentaram. O coveiro aproveitou o cimento fresco e com o dedo escreveu “Aqui jaz o comunista Jacaré”. Dinorá olhou para cima. A chuva caía pesadamente. Rosto acabado, molhado de lágrimas, mãos suplicantes, acenava para os três filhos que estavam na janela do quinto andar, onde viveu e morreu o metalúrgico Jacaré.

Os debates e pesquisas prolongaram-se por algum tempo , mais a comunidade científica depois da morte do Jacaré com alguma relutância, admitiu a relação do aparecimento da leucopenia com a exposição dos operários ao benzeno e derivados.O argumento racista da moléstia tinha sido enterrado com Jacaré, mas iria custar a Diego Clavé uma perseguição odiosa pela direção da empresa.

A próxima eleição dos membros da comissão, Diego nem tinha sido indicado como candidato.Os companheiros da antiga comissão o Serjão e o Baiano já tinham alertado.“Espanhol, os paus mandados da Steel Company vão te por na geladeira”! “Fonte limpa irmão”.Acredite se quiser”. Não levou a sério. Mesmo assim formou um grupo dissidente com os antigos companheiros Reuniram-se no pátio da empresa.

_Serjão foi o primeiro a falar.

_Espanhol, queremos que participe nas reuniões do Partido, o companheiro é uma liderança combativa e respeitado. O Partido ficaria honrado em te-lo em suas fileiras.

_Vou pensar!- disse.

_Parece que o companheiro Martelo tem um rápido informe-avisou Serjão.

_Sim, com já esta sendo divulgado, na próxima semana, haverá uma reunião na sede do Partido para lembrar o aniversário da morte do companheiro Prestes.

_Martelo!O palestrante é o professor Celso da faculdade?-inquiriu o Baiano.

_É verdade.Mas, o professor também é companheiro!-disse o negro Martelo sorrindo.

_Pessoal!Vamos que o ônibus encostou-alertou Serjão.O turno da tarde tinha terminado,e a piãozada voltava para casa.

Posteriormente a empresa o transferiu para o almoxarifado, isolando-o da massa, onde era um líder. Passou a entender que com aquela diretoria da empresa ele estava acabado.Não suportava o isolamento, vivia angustiado.

Diego Clavé vinha de uma educação seminarista. Já estava participando de grupos de comunidade de base, com jovens interessados na leitura e o estudo da teologia da libertação. Livros sobre o trabalho de uns freis operários franceses e filósofos marxistas. Estava entusiasmado com a nova atividade.

Na última reunião que Diego participou, estava tenso.

_Fiquei muito emocionado com o convite, conheço a luta dos comunistas por uma sociedade mais justa e a fidelidade dos companheiros, mas não estou preparado!

_É uma questão ideológica- disse.

Depois de alguns meses não resistiu as pressões, demitiu-se da siderúrgica. Resolveu voltar aos estudos no seminário.

_Vou ser Frei!-confidenciou ao Pepito, a Mina e Bacia, no último encontro musical do Zé das Batidas.

O Frei Diego e o Sudaca (antes de ser)

O consultório da Lôbo Vianna, no Beira Mar, tinha uma sala de espera sempre cheia!

_Doutor, tem um jovem na sala com dor, mas o senhor não tem horário.

_Muito bem, você sabe, emergência primeiro.

_Doutor, o senhor tem que dar um jeito. Veja o meu rosto. Disse, com sotaque de espanhol com uma batata na boca. Era um jovem de estatura média, rosto quadrado, nariz reto, pele clara, cabelos pretos usando óculos de aros metálicos.

_Fique calmo, não é nada grave. Vamos receitar um antibiótico e bochechos quentes.-disse depois de examina-lo.

Era Diego Clavé, o ex-metalurgico, na semana de ser ordenado frei no Mosteiro da Trindade.

O caminho do frei Diego, agora dedicado aos pobres e excluídos também não foi um mar de rosas. Optou por atuar junto aos moradores dos morros, participando ativamente da vida comunitária. Reunia as lideranças da paróquia depois das missas para conversar sobre a necessidade de uma creche e do saneamento, devido à situação de risco de doenças endêmicas entre as crianças. As mulheres sentiam a necessidade de um lugar seguro para deixar os filhos e poder trabalhar, assim, elas eram as mais dispostas a assinar o requerimento pedindo as melhorias.

_Podemos descer em passeata até a prefeitura.-propôs a mãe do Pedrinho.

_Vamos reunir o pessoal. O reverendo vai junto, não é?-perguntava a Clotilde encarregada de recolher os óbolos e as finanças do Partido.

_Sim. Vamos á passeata com as faixas. Levem também as crianças!-ele aceitava a missão.

E desceram como uma procissão, mas não carregando imagens de santos, e sim cartazes. O centro da cidade ficou agitado, naquela tarde quente de noroeste, com aquele cortejo diferente de pouco mais de cinqüenta mulheres e crianças portando faixas exigindo

creche e saneamento básico, é claro com o frei à frente. O vento levantava o hábito marrom e o vestido das mulheres e a criança dançava, dizendo bobagens.

Subiram as escadarias para a porta principal e logo veio a notícia pelo assistente de gabinete.

_ O senhor prefeito viajou pra Capital atrás de verbas. Não temos verbas!

_ E quando volta? – perguntou o frei Diego.

_ Não sabemos.- a resposta foi curta e grossa.

A verdade era que o prefeito tinha se escondido para não receber os moradores do morro. Aquela reivindicação não tinha muita importância, o que contava era embelezar as praias! Agradava a elite e os turistas. Além disso o morro era todo da oposição! Voltaram com a faixa enrolada e frustrados.

_ A semana que vem a gente aperta o colarinho branco. Ele vai ver!- resmungava a Clotilde para o frei.

Esta forma de pedir incomodava o poder público, mas, frei Diego Clavé não se importava. Ele servia a um outro Senhor!

Todo fim de tarde passava no consultório do doutor.

_ Cliente que é bom você não tem! Vamos conversar e tomar um chope. Tudo bem?

_ Tudo bem. Por hoje chega de consultas. Escuta! você não entra mais no Zé das Batidas?

_ Há muito tempo. Desde que a patota se separou. O Pepito casou com a Mina. Eles não saem dos bailes do clube Espanhol e o Bacia virou maconheiro! Também agora eu só bebo chope!- disse com orgulho.

_ Ninguém diz que você é frei vestido assim?.

_ Mas ,eu sou. O hábito é sagrado. Deve ser vestido no templo sagrado para a santa missa!

_ Bem ,mas a semana passada você estava na frente da passeata, e de hábito!

_ Algumas vezes é preciso usar a força secular para impressionar – disse com um sorriso. Enseguida com o semblante sério- Este prefeito é um banana!”Gente do mesmo saco”!- mastigou as palavras.

_Quem é gente do mesmo saco?

_Todos, prefeito, o Superior. Comem na mesma mesa e querem manter os privilégios. Isto tem que mudar!

Falava indignado. Conversavam durante horas, sentados no Chope do Gonzaga bebendo e fumando. Vestido sempre com aquela camisa de mangas curtas. Gostava mesmo era de filosofar, falar sobre injustiças sociais e fumar!

O Mosteiro da Trindade pressionava. Convocava Diego para reuniões de aconselhamento tentando fazer com que ele atendesse as coisas divinas e deixasse as coisas terrenas para os políticos.

_ Merda!, não agüento mais este Superior. Ele desabafava nervoso.- O compromisso é com os pobres.

Seis meses depois foi transferido.

_Frei Diego, o senhor vai para uma missão evangelizadora de atendimento espiritual dos internos do presídio da cidade.- disse solenemente o Superior.

_Obrigado Reverendíssimo!-disse o frei, aceitando a nova missão.

_Agora vou desenvolver um trabalho de direitos humanos na cadeia pública!

A situação desumana como viviam os presos amontoados em celas sujas, sem atendimento médico adequado aos portadores do HIV, o incomodava. Falava das mulheres presidiárias e a promiscuidade como viviam, da corrupção e a exploração, para a entrada de maconha e cocaína. Queria levar o doutor para fazer o tratamento dentário nos presos.

_Doutor, você vai ver o que é “bom prá tosse.”-comentava sorrindo. Vou conseguir que você atenda o pessoal duas horas por dia, esta bem ? Falava com entusiasmo, cheio de esperança com as mudanças que tinha conseguido junto à direção do presídio.

Passou um tempo as coisas começaram a ficar diferentes para ele. Percebeu dificuldades para o acesso aos internos.

_Isto tem a ver com o Diretor da Cadeia e o Superior-dizia- “invejas, mesquinhas!” Dai quando nas reuniões do Conselho, ele reivindicava um pouco mais de ajuda para despesas pessoais, era negada. As pressões e ameaças de nova transferência,

cresciam, angustiando Diego Clavé. Decepções e frustrações levaram-no a pensar em voltar para sua terra.

Foram muitas as noites de chope e de conversa com o doutor sobre esse tema!

Naquele fim de tarde quente, ele chegou no consultório. Estava ansioso para desabafar. Suava em excesso.

_Doutor, você ainda vai fechar o consultório por falta de clientes!

_O povo não tem dinheiro frei e em cada esquina tem um dentista e um bar. Assim não dá!- disse e sorriu. Que há, me parece todo espavorido!

_Pedi para ser transferido para um monastério de Bilbao!- disse de chofre e continuou.

_Não posso mais suportar esta situação. Talvez mais dois meses e eles ficarão livres de mim.

Estava abatido. Era mais uma fuga. Diego vivia fugindo de si mesmo.

_Vamos tomar um chope para clarear as idéias! -o doutor convidou. Saíram.

Amanhecia quando as idéias ficaram claras.

O aniversário da tia Maria

O doutor o levou no seu carro até o aeroporto internacional e assim puderam conversar sobre os novos planos do frei Diego. Estava esperançoso em voltar para sua terra .Retomar antigos projetos. Tinha muito a fazer.

_ Por exemplo, o que?-perguntou. A liberdade –disse com o olhar em algum lugar distante. Naquele momento o doutor não tinha percebido do ele que falava. Somente muito tempo depois iria compreender a palavra.

Na fila para a sala de passageiros seus olhos revelavam que estava feliz. Abraçaram-se.

_ Ainda nos veremos em Bilbao! – disse em voz alta. E desapareceu no corredor de embarque.

O doutor voltou dirigindo em alta velocidade. Não podia se atrasar. O compromisso com a festa de logo a noite era inadiável. A Jujú merecia, mas frei Diego já o tinha alertado;

_ “.Hombre! Você não tem mais idade para se apaixonar . Sedução e provocação são os ingredientes para um homem perder a cabeça”! E ele dava ouvido?

“Em matéria do coração eu dou aulas frei!-dizia o doutor”.

Tia Maria fazia aniversário. A família combinou de comemorar no clube Espanhol. Como quinta feira tinha baile no clube. Levariam um bolo. Festa no meio da semana, ainda baile com orquestra e a Jujú, não é todo dia!

Aquela relação, na verdade, não andava bem das pernas, como se diz. Ele tentava contemporar incompatibilidade de gênios, provocações e até aquele certo desprezo que ela muitas vezes demonstrava.

“Também não somos casados! Somos namorados” -falava enquanto dirigia.

_ ”Mas no mundo de hoje os relacionamentos não se sustentam por longo tempo! No começo tudo são flores, mas com o passar do

tempo aparecem as diferenças, o mau humor, a TPM, enfim você percebe que nem a cama segura o relacionamento. É preciso haver muita afinidade, coisas importantes em comum, e amor para segurar a relação”.- eram os conselhos do frei.

“Quando duas pessoas se encontram na meia idade vindo de mundos diferentes, traumas e expectativas frustradas tudo pode acontecer, cuidado doutor”!

Tinha que combinar os detalhes, acertar o horário para leva-las ao clube. Se bem que o interesse devia ser da Jujú.

“O interessante, que a tia é dela, mas não havia nenhum interesse dela! – No momento veio-lhe este detalhe na idéia”.

Sacudiu a cabeça para se livrar de toda daquela gente falando. Já trafegava pela cidade e precisava de um orelhão para telefonar. Não podia esperar até chegar no apartamento.

_ Alô Dona Dú, a Jujú está? Não! Bem, ligo mais tarde.

“Bom, há esta hora ela já devia estar em casa! Talvez tenha ido ao cabeleireiro. Sabe como são as mulheres e principalmente a Jujú! Bem, mas a dona Dú devia saber...”.

Chegou na garagem do apartamento. Subiu rápido para telefonar.

_ Alô Dona Dú, a Jujú já chegou? não! Ela foi ao cabeleireiro? Por favor, avise que às nove horas eu apanho vocês para a festa da tia Maria. Está bem? Até mais.

“Aonde será que ela se meteu” Aquela cabeça ciumenta e insegura não parava de pensar. Tinha que esfriar as idéias. Bem que podia ir ao shopping, comprar uma camisa nova para se apresentar á ela e com isso faria hora até o anoitecer.

Vestiu-se com uma bermuda, camisa regata e óculos escuros. Estava uma tarde muito calorenta. Sentia-se bem, aquela mulher tinha rejuvenescido o seu espírito. Era nova, tinha caído do céu. Tudo que ele queria naquela idade era deixar de ser um solitário do quinto andar daquele apartamento de quarto e sala.

Pegou o elevador e desceu. GANHOU a rua e foi caminhando até o shopping.

“Quem sabe se ela não foi na casa da tia Maria.”

Tia Maria não era idosa, mas um derrame cerebral sem seqüelas motoras a deixou com o raciocínio lento e diversas vezes dava respostas sem nenhum sentido.

“Acho que em virtude disso o marido tinha ficado mulherengo e não dava a mínima atenção a ela”.

Certa noite reunidos na casa da Jujú e conversando sobre seus planos de viverem juntos.

_ Sabe o senhor lembra muito o pai da minha sobrinha! Não é Dú?

_ É verdade Maria, só que, o falecido não pintava os cabelos!

A cara do doutor caiu no chão!tia Maria estava completamente parva e a sogra devia adora-lo.A Jujú deu uma risada tão estridente que foi ouvida pelos moradores do prédio vizinho e as corujas no telhado piaram e voaram assustadas!

Amor a primeira vista.Era a camisa para aquela noite!Social de manga comprida com as cores da moda.Um homem elegante será sempre bem sucedido-pensou.Já de sacola na mão, na saída da loja reparou na baixinha de cabelos curtos e platinados olhando a vitrine do outro lado.Pelo traseiro só podia ser a Jujú!

Jujú!- chamou. Ela virou-se.Reconheceu e fechou a cara. _ Fazendo compras?

_ Não.Vendo as vitrines.-disse sem emoção-E você?

_ Resolvi comprar uma camisa nova para usar na festa da tia Maria.Sabe.Liguei para tua casa e tua mãe não sabia onde você estava.Então deixei o recado.

_ Você sabe que eu não gosto disso!

“Começou as reclamações.”

_ Esse negócio de deixar recados..., E outra coisa, você esta muito apressadinho por causa dessa festa.Eu não estou nada interessada!

_ Bem.Eu...ham... eu só estava querendo combinar para não dar aquela confusão de última hora.

_ Tem muito tempo.Até a noite muita coisa pode acontecer!A que horas você marcou com minha mãe?

_ Às nove.

_ Muito bom.Então me deixe ir andando que tenho outras coisas pra fazer.Virou-se e tomou a direção da escada rolante.

“O que ela quis dizer com muita coisa pode acontecer. A Jujú anda muito nervosa. Será a TPM que anda atacando? É porque essa tal de tenção pré-menstrual é dose prá elefante. Tem acabado muito relacionamento como disse aquele psicólogo japonês na televisão”! Ele sabia que estava pisando em ovos, por isso tinha que ter muito cuidado para não quebrá-los. Aceitava o mau humor da Jujú para não piorar a situação. Mas tudo tem um limite. Realmente ele caminhava no fio da navalha.

Voltou para o apartamento um pouco triste. Aquela virada de costas tinha ferido seu amor próprio. Apesar de que ele gostava de vê-la assim de costas.

Tomou uma chuveirada, e quando saiu do banho estava com outro humor. Vestiu-se. Olhou-se no espelho e ficou satisfeito com o visual. Barbeado, perfumado, a camisa nova com a cor da moda, calças de linho e sapatos engraxados. Desceu para a garagem, entrou no carro e acelerou em direção ao apartamento da Jujú. Estacionou em frente. Olhou-se no retrovisor- “Estou nos trinques” –pensou. Desceu, fechou o carro. Tocou o interfone, a voz avisou _ “Pode subir”. Eram dois andares até o apartamento.

Entrou, todos estavam arrumados, esperando na sala de jantar. Ela não estava. Demorou a aparecer, porem quando surgiu na porta do quarto estava linda. Ele levantou-se do sofá, sorriu satisfeito para ela. Aproximou-se para beija-la. Mas Jujú estava indiferente evitou-o. Seria para não borrar a maquiagem? Alguma coisa estava errada, aquela cara de poucos amigos. -“Que diabos mordeu essa mulher”.

_ Então vamos? Ela acenou com a cabeça. Todos desceram enseguida para o carro.

_ Meu bem, é melhor você dirigir, você sabe, estes óculos me atrapalham á noite-disse.

_ Você precisa voltar para o oculista, outro problema é a voz alta.

_ Como assim? Ficou intrigado.

_ Voz alta!

_ Você fala muito alto. Machuca meus ouvidos. Pode ser que você esteja ficando surdo. Marque uma consulta com o médico de ouvido.

Dona Dú observava tudo e ficava muda como um poste!

Ela pegou as chaves. Ele não disse nada. O importante é que Jujú dirigia bem e o mal entendido seria logo esquecido e tudo acabaria bem no clima da festa, da música, pela magia do baile.

Jujú conduzindo o automóvel, ele ao seu lado e atrás dona Dú. Havia um silêncio inexplicável. Primeiro deviam estar todas felizes pela festa da tia, segundo que estavam bem acomodadas e sentadas.

“Quanto mais você faz menos te consideram ou melhor você faz tudo quando deixa de fazer algo a casa cai. O que eu fiz de errado”? -remoiava pensamentos. Olhava a Jujú ela estava com uma tromba de metro.

Estacionou próximo ao clube. Tinha problemas, estava nervosa. Para frente para a traz, rrrrrrr raspava os pneus, a calota na sarjeta “Merda”! o que se passa. A mulher vai acabar com meu carro.”

Ali fora, na calçada, ouvia-se a orquestra tocando. Gente elegante chegando. Era quinta feira, baile do clube Espanhol. Subiram a escadaria, degraus e colunas em mármore, corredor amplo que se abria para um imenso salão com mesas em volta e no fundo um palco com a orquestra tocando mambos. Ele adorava mambos! O salão já estava cheio de casais dançando. Encontraram a mesa reservada. A família reunida. Tia Maria feliz. Sentaram. Ele olhou para ela, Jujú estava demais, ele a amava, não era para menos, tudo que ela pedia, conseguia! O anel, o casaco fino, as viagens...” Mas aquela cara, alguma coisa estava errada”. “Que bicho mordeu essa mulher” Será que eu fiz algo errado. Procurou lembrar os últimos fatos. Nada. “Deixa pra lá”, -pensou.

Queria dançar. Senti-la nos braços, queria se exhibir. Os casais já iam para o salão, as luzes azuis suaves. Tudo romântico.

_ Vamos dançar, meu bem?

_ Não! Estou cansada, a resposta veio seca.

Ele não entendeu, -“Cansada”! De que? Ficou aborrecido, nervoso. Os casais dançando, rodopiando no salão. Ele olhava para o teto depois para o assoalho-“Cansada”! Agora sua cabeça martelava. Abanava a cabeça. As vozes, a música, tia Maria

ria.Todos felizes.Só ele sentado feito uma múmia!.Passou o braço envolta da cadeira para abraça-la, tocar os seus ombros, um carinho.Jujú deu ombros, sentia-se incomodada.

_Parabéns a você!Nesta data querida.Muitas felicidades muitos anos de vida!Apareceu o mulherengo do marido da tia Maria trazendo o bolo de aniversário acompanhado da dona Dú e a parentada em fila caminhando e cantando por entre as mesas do salão.Deu a impressão que o baile tinha parado no tempo!

Naquele momento a própria orquestra tocou aqueles acordes conhecidos e todos novamente cantaram.Tia Maria emocionada num momento de lucidez exclamou:

_“Muito obrigada, queria que mamãe fosse viva.Ela teria orgulho da filha!”

Ninguém entendeu nada! Mas todos bateram palmas quando ela apagou as velas. A alegria e felicidade tinham ressurgido. Mas foi por pouco tempo.

Agora a orquestra atacava de samba.Ele também adorava samba!Então ela levantou.

“Agora sim finalmente ela vai dançar”-pensou.Voltou a ficar feliz.

_Então meu bem vamos dançar?

_Será que não posso ir ao toalete sozinha! - ela berrou nervosa.

Subitamente ele não ouviu mais a orquestra.Aquele zumbido, o tempo parou, a cabeça latejando. Berrou mais alto e empurrou a Jujú para o salão.

_Tu vai dançar agora ou vou te encher de porrada!, - berrava no ouvido dela. Vou te encher de porrada!

Aquele troglodita pré-histórico adormecido voltou a incorporar no manso doutor!Virou o maior bafafá que já se teve notícias no clube Espanhol.

Ela era tão sedutora. Ele a amava muito, mas tudo terminou na festa de aniversário da tia Maria no clube Espanhol.

Quando abriu a porta do apartamento espumava de tanto ódio de si mesmo. Tinha perdido a cabeça. Aquela mulher era capaz de tirar um homem do sério, colocar um par de rédeas no pescoço e transforma-lo em um “banana”, pronto para submeter-se aos seus caprichos e incapaz de dizer “não”. Um verdadeiro carneiro. Sabia que não ia esquece-la tão cedo. Acendeu um cigarro, ligou a TV, abriu a geladeira tirou uma cerveja. As cenas de uma hora atrás voltavam.

“Ela queria estragar a minha noite, o aniversário da tia e quem sabe acabar tudo ali mesmo. Conseguiu. Acho também que ela não esperava minha reação. É, sim, a Jujú se enganou completamente. Devolvi em dobro o desprezo e a humilhação. Ela jamais esquecerá o aniversário da tia Maria.”

Levantou foi até a janela. Era o quinto andar. Abriu. Sentia-se culpado. Olhou as luzes da cidade. Estava novamente solitário.

Apagou o cigarro, terminou a cerveja e foi dormir. Tinha que recomeçar.

Quando amanheceu não tinha conseguido dormir e fumado o maço inteiro de cigarros. Tomou uma chuveirada, vestiu a bermuda e desceu para tomar café no português da esquina.

_ Homem! estas com uma cara de defunto!

_ Mas eu sou um defunto!. Morri ontem e vou ser enterrado não demora muito!

_ Ânimo meu “jovem”. O português estava levantando a sua moral. Realmente era um bom homem. Sorriu.

_ Café com leite e pão com manteiga na chapa!

_ Assim é que se fala!

Quando voltou se sentia animado. Afinal de contas o mundo esta cheio de mulheres para dominar os homens.

À parte revelada da estória do Frei Diego, do Sudaca e dos outros.

Naquele fim de tarde, depois da caminhada pela praia, ao entrar na portaria o zelador entregou-lhe a correspondência. Um pacote. Contas, condomínio e uma carta. Virou o envelope para ver o remetente, surpresa, frei Diego Clavé de Bilbao, depois de longo tempo sem dar notícias, provavelmente estaria de volta com saudades do chope do Gonzaga?

Abriu curioso por saber das novidades do amigo frei.

Era uma longa carta que relatava toda a sua esperança pelo novo projeto que desenvolvia com jovens, sua vida nova com Mercedes. Muitas expectativas, mas deixava sem explicar realmente que tipo de trabalho desenvolvia e que fazia essa Mercedes em sua vida de pastor de almas! E finalizava:

*“Arrume sua mala e venha para Bilbao. É um convite”
Do amigo de sempre,
Dieguito.*

Ele foi mais fundo, além de arrumar sua mala. Vendeu o que tinha para uma viagem sem volta!

A sala de desembarque do aeroporto Sondika estava cheia. Espanhóis e Bascos tinham vindo naquele avião de linhas nacional, e ali com os outros, na espera que a esteira das bagagens começasse a girar, ele aguardava pela mala de viagem. Depois teria que se encaminhar para o departamento de

estrangeiros e carimbar o passaporte de entrada no país. Lá estava, no meio de muitas outras no carrossel da esteira rolante.

Apanhou-a e se dirigiu ao setor de estrangeiros.

_ Senhor, por favor, seu passaporte.

_ Aqui está.

_ Turista? Por quanto tempo? Tem endereço onde ficar?

_ Sim. Três meses. Tenho amigos.

_ *Bienvenido a el Pais Basco.*

Quando a porta eletrônica se abriu para a sala de espera ele não esperava reconhecer Diego Clavé depois de tantos anos.

O tempo se encarrega de mudar as pessoas. É inexorável. O salão amplo estava cheio, vozes, rostos alegres. Ele olhava procurando identificar o frei. Se estivesse de hábito seria fácil. Mais ele não gostava de hábito!

Sim. Era ele. Sem o hábito marrom. Estava com uma mulher. Tinha lhe reconhecido, mas estava mudado!.

_ Diego, - gritou. Como estas? Abraçou-o.

Não era o mesmo, cabelo branco, magro, vestindo a camisa de mangas curtas e uma calça de cor clara, entretanto seus olhos tinham a mesma jovialidade daqueles anos do Chope do Gonzaga, das conversas intermináveis e das idéias de transformar o mundo.

_ Há quanto tempo, hem? Lá se foram tantos anos. Estas mal?, Não te parece que este *brasilenho está mui malo?* - disse olhando para a mulher!

_ *Si, me parece fatal* -disse sorrindo. Era uma mulher de meia idade, simpática, cabelos cinza claro, vestida com elegância.

_ Esta é Mercedes. Mercedes, este é meu amigo, o melhor *saca muelas* de Brasil. - disse - *Que te passa hombre?*

_ Bem, você sabe é o fuzo-horário, dez horas de avião para atravessar o Atlântico e depois de Madrid até Bilbao não sei quantas horas mais! Final, não consegui dormir.

_ Você se queixa de barriga cheia, Doutor. - sorriram e abraçados saíram do aeroporto em direção ao estacionamento.

_ Lá esta o meu *coche* -disse.

Entraram num Peugeot branco, duas portas caindo aos pedaços. Ele empurrou a maleta de viagem no pequeno porta malas.

_Vamos para casa, você precisa um banho e descansar. Partiram. Diego dirigindo, com Mercedes a seu lado e o doutor no banco de traz. A rodovia se estendia por uma verdadeira montanha com curvas até avistar os primeiros edifícios, antigos estaleiros, fábricas, viadutos. Agora percorrendo as *calles* olhava atenciosamente para as praças, monumentos, pontes, o rio, as pessoas. A cidade estava dentro de um vale rodeado de montanhas e cortada por um maravilhoso rio.

“*Bilbao es um abujero dentro de otro abujero*” disse – mas, você vai amar esta cidade. Ele sabia o que estava falando.

Passaram enfrente a um palácio o *Ayuntamiento*, a Prefeitura, subiram a rua entraram a esquerda e pararam diante de um prédio antigo de três andares.

Estavam na *Miraflores*, onde eles moravam. Desceram e entraram no prédio. Tinha uma pequena entrada para um elevador onde cabiam três pessoas e uma mala, nada mais. Desceram no segundo andar. Mercedes abriu a porta de seu apartamento. Entraram. Diego carregou a maleta de viagem para o quarto dos fundos, onde havia duas camas. Enseguida mostrou-lhe os demais aposentos do modesto, mas confortável apartamento.

_Acomode-se que logo vamos comer e comemorar com uma taça de La Rioja tinto.-disse.

Tomou um banho, trocou de roupa e foi para a cozinha onde Mercedes preparava uma sopa quente.

_Sopa de grão de bicos!-Gostas? Especialidade da Mercedes!

_Adoro!-disse.

Abriu a despensa de madeira rústica e pegou a garrafa de vinho e três taças de cristal.

_Veja guardei este para brindarmos a tua vinda. É um autentico e tinto. – disse com os olhos brilhando. Abriu cuidadosamente e encheu as taças. Levantaram-se.

_Bem-vindo a Bilbao, amigo!

_Que tenhas encontrado aqui, na tua terra, tudo que estivestes procurando por estes anos.Paz e Felicidade!

_Bem, eu desejo que o reencontro de vocês sirva para selar esta amizade secular!E agora vamos a ceia.- disse Mercedes.

O frei Diego abaixou a cabeça, ofereceu as suas mãos, que eles seguraram formando uma corrente e disse uma oração.Enseguida se sentaram para comer.

Mercedes cortava o pão em pedaços pequenos e os lançava na sopa quente.Depois regava com azeite.Os outros fizeram o mesmo.Comiam e bebiam.

_Sabes Mercedes, parece um sonho estar aqui com meu amigo depois de tantos anos.Ele é um ser humano de grande valor.Acredite! –disse,levantando a cabeça , olhando para Diego Clavé e depois para Mercedes.

_Eu sei.Diego já me contou muito do que passou no tempo de metalúrgico.

_Mas,você ainda não conhece a parte não revelada de sua estória - disse com ar de seriedade e mistério.E como se combinassem todos começaram a rir.

Fumavam. Mercedes detestava cigarros. Conversavam e fumavam.

_Se a parte não revelada é o cigarro.Esta eu já conheço-olhou para o doutor-Este tio fuma como uma chaminé!

_Te prometo que paro de fumar se permitires que eu compre o piano.Esta bem assim?

_Isto é conversa!O teu amigo será a testemunha do que estas prometendo.Podes comprar o maldito piano!

Diego vinha insistindo em comprar um piano elétrico.Ele era um bom pianista.Mas como o apartamento era pequeno, ela não queria desacomodar suas coisas para acomodar o piano.

Ali, naquele momento foi selado o celebre acordo de troca.O piano pelo cigarro.(Gostaria de adiantar para a curiosidade de alguns, que, meses depois do piano tomar o lugar da mesa de estilo moderno, a fumaça voltou a infestar a sala de visitas da Mercedes.)

Ele assistia algumas paróquias localizadas a quarenta minutos de Bilbao, área rural, onde celebrava missas e participava de ações sociais. Tinha conhecido Mercedes na paróquia, e esperava que lhe dessem uma definitiva.

.-Deram-me três paróquias-disse, mas não saí de Bilbao e fiquei aqui, morando com Mercedes. Apesar de que no inverno tenho que dirigir pelas estradas montanhosas cobertas de neve. Assim mesmo prefiro estar aqui. Sou feliz-disse.

_ Conte-me de você doutor. Tua mãe. Como esta? Ela dizia ter azas nos pés. Que voava, eu me lembro!

_ A Mami?- sentiu um aperto no peito.

_ Sim! Ela mesma. Você deve muito a ela. Não? Principalmente depois tua separação antes daquela Jujú.

_ É verdade. Você chegou a conhece-la bem. Nos bons tempos se assim podemos dizer. Ela faleceu!

Fez-se um silencio respeitoso.

_ Gostaria de ouvir o acontecido, se puderes contar.

_ Conversaram até alta madrugada sobre a Mami....

A Borboleta Marrom voou!

O ditado popular diz “casamento é loteria”. Existe muita sabedoria nesta afirmação, porque, para ele a sorte sempre viajou noutra vagão. Segunda separação. Magoas, frustrações, expectativas não realizadas. Teria que voltar para o psicólogo, as sessões intermináveis enfim novamente aquele sentimento de culpa, “mea culpa, mea máxima culpa”, martelava na sua cabeça. Devia ser um carma celestial cobrando dívidas seculares. Desta vez como da anterior dividir os bens, isto é a residência ampla com muitas dependências, onde aquela família podia discutir e brigar a vontade, porém a solução também não tinha dado certo.

Anunciou a venda da propriedade a preço de ocasião. Não demorou e apareceu um comprador, (você sabe sem dinheiro), mais com dois apartamentos para uma troca sem troco. Tudo acertado. Despedidas e corações partidos, mas, terminando com o caminhão de mudanças para carregar as sobras de tantos anos de vida quase conjugal.

Tempos depois estava ele e Mami morando no sexto andar de um prédio de apartamentos.

_ E agora Mami? Começar de novo?

_ Eu sabia que não ia dar certo. Você não escuta sua mãe, esta ficando velho e vai acabar sozinho. Escuta o que te digo!

Óh! mãe. Para de rogar praga! Eu sei que você quer ficar comigo!

Ela sorria. _ Deixa que eu cuide da sua roupa e da papinha.

_ A mamãe sabe!- dizia.

Em menos de seis meses começou a reclamar do sexto andar.

“É muito alto. O bairro é distante das colegas aposentadas e da Cici”. Ela falava muito da Cici. Queria visitar a Cici. Ele não agüentava as reclamações.

Algum tempo depois surgiu uma oportunidade de se mudarem para uma pequena casa tipo apartamento, térrea, próximo da Cici. Ela poderia ir andando. Sim andando!, porque a Mami passou a vida toda andando. Ela dizia que voava.

_ Você não me acredita ando tão depressa, que vou e volto voando!

Poderia caminhar, ir onde quisesse. No posto de saúde, fazer exames médicos, ela sempre soube se cuidar, e visitar sua amiga Cici.

Ele reformou a casa tipo apartamento, pintou, comprou alguns móveis, outros vieram com a mudança. Agora sim ela estava feliz poderia sair, andar, estava a pouca distancia dos jardins da praia e da amiga Cici. E assim aconteceu, passava horas conversando com a Cici. Almoçava tomava o café da tarde, jantava e dormia. No dia seguinte voltava pra casa. Mas um dia a Cici morreu subitamente. Ficou um vazio no seu coração. Suas pernas não eram as mesmas. A doença dos ossos impedia de caminhar. Ela sofria.

_ Mamãe!, vou comprar uma bengala, você precisa andar e agora só com bengala.

_ Isto eu não vou usar, não adianta, não me acostumo. Ela detestava a bengala, era vaidosa.

Carinhosamente e nervosamente ele tentava convence-la.

_ Mami!, você tem que usar a bengala é para seu bem e outra que se você não andar vai ficar entevada e vai parar numa cadeira de rodas.!

Daí em diante ela passou a usar a bengala..

_ Agora você tem que sair com a bengala, dar a volta na quadra. O médico disse, lembra?. Você tem que andar, andar e andar- ele dizia.

_ Eu sei, Eu sei filho!. Mas era um esforço sobre humano. Tinha dores nos ossos deformados pela descalcificação. Quantas vezes ele encontrou-a descansando encostada no muro de casas de vizinhos, sempre com aquele sorriso meigo.

_ Então estou indo bem?

_ Sim, está mamãe, muito bem. Vamos juntos, segure em mim.

Pouco tempo depois veio a cadeira de rodas. Então levava Mami para todo o lado, para as refeições e na hora de ir para a cama.

Ele dava banho na Mami! Sim, ele nunca mais a deixou. Estava aposentado, tinha o tempo todo do mundo para ela.

Naquela tarde, quando estava dando banho na Mami, notou uma espécie de caroço na axila do braço esquerdo.

_Sente algo em baixo do braço, Mami.Dôr?-perguntou.

Ela balançou a cabeça, mas, uma sombra passou nos olhos dele.Era preciso leva-la ao médico com urgência.Foram seis meses ou mais de sofrimento tentado destruir aquele maldito câncer de seio.Radioterapia e quimioterapia.

_ Maldito câncer!-ele dizia. Carregava Mami nos braços para aquele lugar cheio de doentes.

A espera nos bancos de hospitais.As pernas dela inchavam.A demora no atendimento.Aquele médico arrogante, prepotente.

_Vamos pra casa Mami, você precisa descansar.Nós estamos aqui desde ás seis da manhã e este desgraçado vem falando que não é teu médico, e que não pode fazer nada!

No dia seguinte telefonou ao médico da radioterapia para uma consulta em casa.

Quando o doutor chegou, ele estava com o coração em frangalhos.Mas era um bom doutor. Entrou no quarto para examina-la. Ele ficou na sala esperando.O doutor voltou para a sala com uma expressão séria.

_Sinto muito, ela não passa desta noite!.Pagou a consulta.Estava mudo, engasgando as palavras. Levou o doutor até a porta com lágrimas nos olhos.

Não foi naquela noite que a Mami se foi, mas na seguinte. Ele não mais esqueceu.

_Mami, como você esta? sente dor?Ela estava quase em pele e osso e com os óculos, sim com aqueles óculos que ela deixava de usar e que ele guardou para sempre. As pernas inchadas, pesadas, muito pesadas, tanto que tornava difícil carrega-la para o banho de todos a dias.O quarto na penumbra, só com a claridade do corredor. Aquele rosto magro ainda tinha o sorriso terno!

_Não filho. É pena que eu não posso andar como antes. Eu voava.A voz vinha baixa e a respiração forte.Tinha lágrimas nos olhos.Não queria que ela visse.Saiu para o outro quarto. Era tarde ele não dormiu mais.Podia ouvir a respiração forte que saia pela boca.Passou-se um tempo infinito.Subitamente ele levantou assustado, não ouvia mais nenhum som.Seguiu pelo pequeno corredor iluminado em direção ao banheiro. O quarto da Mami

estava na penumbra. A porta aberta, mas ele não entrou. Tinha medo. Olhou para a parede iluminada externa do banheiro no alto lá estava, a borboleta marrom!. O coração apertado. Entrou.

O sofrimento tinha terminado. O rosto magro. Os cabelos brancos. Acariciou -os. Retirou os óculos. A dentadura “-Ela não ia precisar mais.”

Quando saiu do quarto a borboleta marrom tinha desaparecido.

A Mami queria voar!

No dia seguinte logo pela manhã estavam de pé para conhecer Bilbao.

_Vamos visitar a Basílica de Begoña

_E, é longe?

_Não, podemos caminhar até o *Casco Viejo*, é atrás da igreja *San Nicolas*, tomaremos o elevador.

_Como? um elevador?.

_Sim. Lembras do bondinho do Monte Cabrão? É igual. Aqui, chamamos de ascensor. Artxanda, onde fica a Basílica, é como uma cidade. Poderemos contemplar toda Bilbao. *Venga!*

Desceram o *Paseo Volantin* em direção ao *Casco Viejo*. Passaram pelo *Ayuntamiento*, um Palácio de arquitetura clássica, cercado de um jardim, com uma escadaria, onde funciona a prefeitura e chegaram ao *Arenal*. Ali estava a secular *San Nicolas*, construída com pedras seculares. Na *calle* atrás da igreja estava o funicular ou ascensor que os levaria a Artxanda. Pagaram algumas pesetas pelo ingresso, e em poucos minutos de uma subida suave estavam na cidade alta.

_Veja, Bilbao. Não parece com a tua cidade?

_É verdade. Mas não vejo as maravilhosas praias ao longe- disse zombando.

_Bem, mas podes ver o maravilhoso Nervion serpenteando pela cidade. Começaram a rir pelo desafio de palavras.

_Vamos por este caminho que logo encontraremos a Basílica.

Percorreram algumas ruas do altiplano e chegaram á uma alameda arborizada de palmeiras que se elevava por longos planos e

terminava na imponente Basílica de Begoña, a padroeira de Viscaya.

_Venha ver esta relíquia!frei Diego chamava a atenção para um cemitério secular.

Realmente ali estava cercado por grades de ferro trabalhado em estilo clássico.Acima, em relevo desgastado pelo tempo imemorial, podia-se ler alguma coisa como:

“ *Nós que aqui estamos, por vós esperamos* ”

Quando desceram de Artxanda para *Miraflores*, Mercedes os esperava para o almoço.Pela tarde o frei Diego iria para suas paróquias, e o doutor organizar sua vida por conta própria.

Como nos velhos tempos a amizade continuava.O coração das pessoas não muda facilmente.Ficou convencido que Diego Clavé tinha se encontrado. Estava em paz interior.Vivia no seu país.

Quando se despediu disse-lhes que queria ir fundo, conhecer o espírito da cidade.Ele olhou-o

_Sabes que és um Sudaca.!

_Um Sudaca?

_Sim, um Sudaca.Mas o que é um Sudaca?-perguntou.

_Quando visitares o “*Casco Viejo*” encontraras artistas, poetas, músicos e cantores nas esquinas.São de Latino América com tu.

_Então, eu sou um Sudaca.

_Sim, tu és. E começaram a rir.

Abraçaram-se fortemente.Beijou Mercedes na face, agradecendo a hospitalidade.

_Sabes onde nos encontrar sempre que necessitares- ela disse.

Adeus. Vou para o Albergue Bilbao.

Com a maleta de viagem desceu em direção ao *Paseo Volantim*.Caminhou pelas margens do *Nervion* até a ponte do *Ayuntamiento*. “Aquela paisagem já estava bem conhecida”. Subiu a direita pela *calle* Argentina apreciando as elegantes bem vestidas “bilbainas”.O movimento era intenso.Na Plaza Circular começava a Grã Via uma das vias mais charmosas de Bilbao e

enfrente a estação de Abando pegaria o ônibus para o Albergue Bilbao. “Tudo muito fácil.”

Ali estava. Apressou-se. Tinha um ônibus parado no ponto.

_ Passa no albergue?

_ Sim, pode subir.

_ Quanto?

_ Cento e cinquenta pesetas. Enfiou a mão no bolso puxou as pesetas e ofereceu-as que ele recolhesse o suficiente. *Gracias!*

Sentou-se próximo do motorista para perguntar onde devia descer. Mas o motorista foi logo dizendo;

_ “Quando estiver chegando Sudaca, eu te aviso”!

“Ele é por demais intuitivo!” Relaxou! Esperava encontrar acomodação no albergue. A cidade estava cheia de turistas europeus e jovens para o importante Congresso de Direitos Humanos que começaria fim de semana na universidade Miguel Cervantes. Olhou em volta percebeu que muita gente iria descer. Havia muitas mochilas espalhadas.

_ Próxima parada é o Albergue Bilbao! -Gritou o motorista.

Esperou passarem os afoitos jovens, com suas mochilas coloridas. Quando se preparava para descer esbarrou com uma mulher que também ia descer.

_ Desculpe! Percebeu que ela estava atrapalhada. Desceu primeiro para ajuda-la. Estendeu as mãos sugerindo que passasse a mochila. Ela entendeu. E desceu com facilidade.

_ Gracias! Desculpe incomoda-lo.

_ Não, não foi incomodo. Você vai hospedar-se no albergue?

_ Sim tenho reserva. Vou participar do congresso. O albergue vai ficar lotado!

_ Esta não é uma boa noticia!. Veja bem. Não tenho reserva e não vou participar do congresso.

_ Venha. Temos que entrar ali naquele portão, e depois lá adiante é a entrada do prédio... Mas então o que você esta fazendo aqui?

_ É uma longa estória!

Ela riu, interrompendo. -Não me lembro onde ouvi esta frase!

_ Espere. -disse- Como é seu nome, mesmo?

_ Amparo.

_Amparo,é verdade.Talvez, nos próximos dias possamos conversar melhor.

_Seria um prazer- disse educadamente.

_ Tenho um amigo frei Diego que viveu no Brasil e convidou-me para conhecer Bilbao.

_Bem.Agora estou começando acreditar.

Entraram.Na recepção todos queriam ser atendidos.Malas e mochilas espalhadas pelo chão.Jovens sentados na escada que dava acesso aos outros andares, onde ficavam os quartos e banheiros.Duas recepcionistas para atender toda aquela gente!Ficaram ali vendo toda a movimentação.

_Por favor,! Escutem.

_Aqui todos são participantes do congresso, sim?Vocês preencheram a ficha de ingresso do albergue?Agora atenção! Quem não é participante do congresso somente terá atendimento à noite, até as nove horas, quando teremos condição de hospedagem.As bagagens podem ficar naquela sala à esquerda.

Olhou para Amparo desconsolado.Ela deu de ombros graciosamente.

__Voltarei a noite.Terei tempo para caminhar pela cidade.Até mais tarde Amparo.

_Até- ela respondeu sorrindo.Levou sua maleta de viagem para a sala da esquerda e saiu de volta para a rua, frustrado pela falta de sorte.Caminhou até a parada de ônibus.Queria conhecer o centro.

_Senhor, permita uma sugestão, desça na Plaza Zabálburu para conhecer a Plaza de Touros.Fica a poucas quadras.- disse o motorista adivinhando seus pensamentos.

_Gracias.Então por favor, avise-me quando estiver perto?

Não demorou.Foi um trajeto curto, ele virou-se e alertou indicando com a mão:

_A Plaza é aquela sudaca!

Desceu.Estava em uma bela praça. “Agora tenho um mistério para desvendar-Sudaca! Como aquele tio sabia que eu sou um sudaca” Resolveu caminhar pelo passeio contornando o chafariz central.Desceu por uma rua e avistou uma pequena fila.”Vamos ver do que se trata”.

A Sopa de Grão de Bicos

A fila começava a alongar-se. Todos se encostavam junto à parede de pedras daquele antigo edifício dos Franciscanos de Irala, esperando para entrar e comer a refeição do dia. Aproximando-se pela curiosidade também se encostou à parede. Passou a ser o último. “Bem, esta fila não é para ver touros” - pensou. Em seguida, chegou um velho de rosto pregueado e desdentado. Virou-se para o velho e perguntou:

_ Senhor, por favor, para que a fila?

O velho fechou a mão juntada nos dedos, abriu a boca vazia e indicou fazendo movimentos de vai e vem com o punho. “Acho que ele é mudo!”.

_ Comer, Manjare!- entendeu?-disse

_ Ah!Entendi.

Depois se aproximou um grupo de africanos seguido de alguns peruanos, colombianos ou bolivianos....Quando olhou para trás estava no meio de uma serpente humana que se arrastava entrando pela porta estreita em direção ao refeitório. Homens vestidos de roupas simples, barba crescida com cabelos molhados, penteados, ou desgrenhados. Velhos caminhando com dificuldade, e algumas mulheres.

O comedor ficava na parte inferior depois de uma escadaria. Amplo com mesas retangulares e bancos de madeira rústica. Eles foram entupindo o salão, sentando de frente, lado a lado, se acomodando, se ajeitando para completar dez pessoas em cada mesa!

Ali sentado ficou esperando. Olhando de um lado para outro. Não sabia o que viria em seguida. Todos os rostos estranhos. De cada lado sentia o contato apertado de ombros ossudos e cheiro de azedo. De frente o velho com sorriso simpático na boca murcha em uma cara pregueada. Sobre a mesa pães, que muitos já começavam a arrancar nacos e comer. Havia um silêncio respeitoso em todo o salão.

Sentiu subitamente o tempo parar e a emoção remexendo seu passado, projetando imagens nítidas, como um filme antigo em branco e preto...

“Ela sacudindo-o aflita. Acorda, acorda teu pai caiu no banheiro. Ele não está bem, vai depressa chamar uma ambulância.”

Levantou atordoado, enfiou as calças que estava na cadeira, camisa os sapatos e foi para a rua andando apressado em direção a avenida onde ficava o posto médico. Era novembro de um dia chuvoso, frio, as luzes das ruas daquele bairro operário ainda acesas quando chegou ao posto.

“Por favor uma ambulância, meu pai não esta bem, ele caiu no banheiro”.

“Calma,... Calma moço. Primeiro vai preencher a ficha de ocorrência”

Enquanto respondia as perguntas ela ia datilografando. Depois chamou o motorista entregou-lhe o papel.

“Depressa é uma remoção urgente, leve este moço. É na casa dele”. O motorista e o enfermeiro entraram na cabine da frente. Ele foi atrás onde estava a maca e outros aparelhos médicos. Em poucos minutos chegaram. Eles abriram a porta detrás. Saiu. Retiraram a maca e subiram rapidamente as escadas da casa procurando pelo paciente. Havia muita aflição.

Visinhos perguntando. Estava aturdido, com as vozes e choros, olhava para as pessoas, mas não as via. Lembra da voz da mãe gritando.

“Vá junto com teu pai, vá” enquanto os dois vinham descendo com ele na maca. A porta de trás estava aberta. O enfermeiro disse “Suba você. Vá com ele. Vamos pra Santa Casa.”

Fecharam a porta com força.

Olhou para o pai. Estava com uma velha calça, a camisa aberta no peito, o rosto moreno, magro, barba, a testa proeminente com entradas de cabelos curtos e grisalhos. Os pés estavam para fora da maca. Era alto, nortista e ensacador de café.

Passou a mão no seu rosto. A testa estava úmida, o rosto gelado. Ele estava em coma!

A ambulância em disparada com as sirenes ligadas, aumentava sua angústia e desespero.

Olhou seu rosto novamente. Ainda faltava tanto para conhecê-lo!. Queria ter conversado mais, ser seu amigo, apesar de lembrar de ternas recordações da infância, sentia um vazio.

“Ele fazendo massagens na minha barriga que doía, e falando algumas palavras para confortar. Aquilo aliviava, sentia-me protegido. Outras vezes passava de pé encima do caminhão junto com outros ensacadores em direção ao armazém acenando. Corria atrás gritando-Olha! é meu pai.”

Ele falava pouco. Tinha um riso alto e forte. Era um homem simples. Lembrou-se, quando passava pelo corredor da velha casa da rua Borges, deitado, lendo alto a “Voz Operária” e ouvindo a si mesmo, para tentar entender aqueles textos difíceis sobre socialismo. Não teve escola, mas sabia ler e escrever, era comunista. Quando a perseguição tornou-se constante, foi preso. Perguntava por ele.

“O pai foi pro sítio com uns amigos -A mãe explicava.”

“Nunca soube que descobri a verdade, e que anos depois, também li aqueles textos e participei do mesmo Partido.”

Estremeceu agitado e murmurou palavras confusas.

“Fale pai? Ele não respondeu. Suas pernas começaram a se agitar. Segurou-as firme e disse- Fique quieto pai, estamos chegando.”

“Creio que fui muito rude com ele”

Quando tornou a vê-lo, estava morto. Depois de internado, houve um surto de meningite na enfermaria onde ele estava. As visitas tinham sido proibidas.

Guardava uma fotografia tirada naquelas férias de inverno, onde está o Nenê na charrete da cabrita, a mãe e o pai. Raro, porque, foi a única vez que eles viajaram juntos. Estavam se divertindo. Ele com um cigarro no canto da boca, um suéter de frio, e o olhar abatido. Ele não tinha passado bem naquela viagem.

Tirou os óculos e esfregou a mão nos olhos. Estavam úmidos. Na sua frente às imagens e vozes do passado foram desfazendo-se como brumas e materializando aquela cara pregueada, com a boca vazia sorrindo-lhe cordialmente!

Bem, a verdade é que o Sudaca sentia falta, sentia muita falta dele.

O silêncio foi interrompido por um murmúrio geral quando na porta lateral surgiu um homem idoso, com um sorriso santo, vestido com um longo hábito marrom e sandálias. Saudou-os em voz alta – “Irmãos comam em paz!”.

Ato contínuo, em fila, entraram senhores e senhoras vestidos com um avental branco amarrado na cintura, deixando na frente de cada convidado um prato fundo cheio de sopa, formando um movimento de circulação por entre as mesas interminável, voltando de onde saíam com mais sopa...e mais sopa. Vinha quente, deixando o ambiente enfumaçado e com um aroma da cozinha espanhola que dava mais fome!

“E agora o que eu faço”? O velho desdentado percebeu que ele era um sudaca diferente, isto é, não era um pobre diabo como os outros (faltava pouco!). Fez um movimento com a cabeça indicando que era hora de comer e sorriu. Ele também sorriu. Abaixou a cabeça para a sopa. Olhou. Cheirou. Era sopa de grão de bicos! Ele adorava grão de bicos. Cortou nacos de pão com as mãos, molhou e comeu com apetite. Depois com colheradas ia sorvendo a deliciosa sopa. Levantou a cabeça saindo daquele transe guloso. Olhou para os lados, ouviam-se ruídos de colheres raspando pratos, de bocas famintas sorvendo o líquido, de movimento de mandíbulas, de arrotos, de mais arrotos numa sinfonia maravilhosa celebrando a vida!

Abaixou a cabeça e continuou a comer. Repetiu o prato. Todos repetiram. Para isso aqueles senhores e senhoras percebendo que os pratos estavam vazios, prontamente se aproximavam, agora

com uma concha e uma panela despejava cuidadosamente uma quantidade no prato. Pão à vontade.

“Como o mundo seria diferente se todo ser humano tivesse direito a um prato de sopa de grão de bicos!” -pensou.

Desta vez quando levantou a cabeça para olhar as pessoas, aqueles senhores e senhoras que serviam não estavam no salão. Um a um os homens e as mulheres também estavam se retirando satisfeitos, subindo a escadaria lentamente em silêncio, e voltando para as ruas de onde tinham vindo.

O velho com sorriso simpático da boca vazia também tinha desaparecido pela porta da saída.

Ele foi o último a sair. Levantou-se calmamente, olhou tudo! Não havia mais ninguém no salão! Subiu as escadas.

Ganhou a rua e desapareceu na multidão.

Notou-se que era a primeira vez que participava do banquete dos excluídos. Estava bem vestido. Mas, não deixava de ser um sudaca.

”Nem sempre as pessoas precisam falar para se entenderem principalmente quando tem fome”. -pensou.

Nunca mais voltou. Nem mesmo para conhecer a Plaza de Touros.

_Tenho que voltar para o albergue. Talvez agora já tenham uma vaga para mim -disse consigo mesmo.

Quando chegou no albergue anoitecia. Tudo estava calmo. Todos estavam na Universidade Miguel Cervantes assistindo a abertura do congresso, assim não teve dificuldades em hospedar-se. Preencheu a ficha e entregou a recepcionista.

_Foi o senhor que deixou a sua maleta de viagem pela manhã, não? _Está naquela sala. Eis as chaves do quarto trezentos e cinco, e do armário. Os tíquetes para comida dos quatro dias a que tens direito e o regulamento do albergue. Seja bem-vindo.

“Pelo jeito esta *chica* comeu e não gostou!” Não quer conversa. Melhor assim -pensou

Pegou a maleta de viagem e subiu pelo elevador, que estava parado ali no térreo. Apertou o trêz. A porta se abriu e saiu pelo corredor para encontrar o trezentos e cinco. Enfiou a chave abriu a porta. O quarto era todo seu. As duas camas vazias.

“Vou dormir como um justo desde que o grão de bicos não ataque às tripas.” Colocou a maleta de viagem no armário. Jogou-se na cama e se apagou.

Alta madrugada saiu correndo pela porta em direção ao banheiro. Estava com diarreia de grão de bicos. Passou a madrugada na privada. “Pobre destino de um sudaca!”

Acordou com o movimento intenso dos jovens para o café da manhã. Tomou uma chuveirada para curar a ressaca da diarreia. Desceu pronto para grandes batalhas, encontrar Amparo e visitar o Guggenheim. Entrou no refeitório. Todos em fila com abandeja na mão.

_ Ola!

_ Amparo! Espere que vou pegar uma xícara de café. Quero falar com você!

Sentou-se de frente. Olhou-a. Estava linda com aqueles cabelos pretos curtos que balançavam acompanhando o movimento da cabeça!

_ Afinal o que você quer a esta hora?-perguntou sorrindo.

_ Vamos ao Guggenheim?

O sorriso desapareceu.

_ Não posso. Tenho que estar no Congresso.. Hoje é um dia importante. Haverá debates sobre a exploração do trabalho infantil na América Latina, com depoimentos e denúncias. Até o fim da semana os temas vão esquentar os debates. Amanhã o tema é a prostituição infantil. Você sabe que existem redes internacionais aqui na Europa, especializadas nesse tipo de turismo. Inclusive pela internet!

_ Sim. Tenho lido reportagens. Isto é muito sério. O combate depende muito de denuncia das ONGs, da UNICEF e de vontade política dos governos.

_ E do êxito do Congresso!-ela concluiu.

_ Bem, mas o caminho para o museu e para a universidade é o mesmo. Podemos ir juntos. Que tal?

_ Você tem um raciocínio rápido e convincente!. Venha, vamos aproveitar o ônibus fretado assim poderemos ir juntos e conversar.

Assim que terminaram a refeição, ela pegou o chapéu de aba vermelha enrolada, enterrou na cabeça e saíram.

Na verdade era um curto trajeto. As ruas àquela hora não estavam movimentadas. Em minutos estavam estacionando em frente da universidade Miguel Cervantes. Todos desceram. Ajudou-a segurando pela mão. Percebeu um tremor.

_ Venha ver o Guggenheim na outra margem!

Ela não retirou suas mãos! Estavam na margem esquerda do *Nervion* e o museu de arquitetura futurista ficava na margem oposta.

_ Amparo, a programação sábado à tarde na *Plaza Nueva* é muito interessante, talvez...

Ela sorriu e entrou misturando-se no meio das pessoas a caminho do anfiteatro para a conferência e ele voltou para atravessar o *Nervion*. Levou cerca de quinze minutos de uma caminhada agradável para ver Degas, Picasso e uma retrospectiva de pintoras russas modernistas mostrando a evolução do neoprimitivismo até o construtivismo. De quebra um salão sobre a evolução da motocicleta.

“Dizem que o Guggenheim daqui é o museu de linhas mais avançadas da Europa, como conheço poucos fiquei impressionado com a arquitetura, interiores e o acesso às salas. Não é um museu grande e importante pelo acervo como o Prado ou o Louvre, mas a mídia e os interesses financeiros tratam-no como um museu da moda. (desculpem a minha língua ferina) Não me emocionei com o Guggenheim”! -falava para seus ouvidos enquanto atravessava a ponte Calatrava.

Alguns dias depois ele tornou a encontrar Amparo no refeitório do albergue. Carregavam a bandeja de almoço. Ela estava na sua frente e não o tinha visto. Pegou os talheres, pão, salada, um copo de laranjada e a sobremesa.

_ *Vamos hacer una composicion?* -disse a garçonete para Amparo.

_ *Que composicion?* Ela perguntou sorrindo.

A garçonete olhou para ele.

_ *Creo que estan juntos. Assim los dos comeran desta Tortilha de Patatas. És la ultima.*

_ *Estamos juntos, não?*

Ela virou para saber de quem era a voz. -Você, hem! Sorriram e sentaram na mesma mesa para comer *Tortilha de Patatas*. Ficou um pouco constrangido. Preferia estar sozinho comendo e mastigando suas idéias. Mas em segundos retomaram o clima do primeiro encontro. Ela já estava participando do Congresso de Direitos Humanos. Tinha sido convidada por ser dirigente do Centro de Direitos Humanos de Santiago e professora de História. Almoçaram e depois foram para a sala de televisão onde podiam fumar e continuar a conversar. Ela falou das denúncias que tinha apresentado no congresso. Provas, fotos de trabalho infantil forçado e prostituição de meninas em várias localidades.

_ *Depois deste congresso a Anistia Internacional sem dúvida convocará a mídia internacional para uma declaração e a opinião pública tomará conhecimento. Temos que denunciar tudo.*

Falavam agora de cinema engajado, cinema de arte. Da produção cinematográfica latino- americana e do cinema em Cuba. Eles tinham empatia e muitas coisas em comum para conversar. Naquele momento chegou o zelador da noite avisando que era hora de se recolher aos quartos.

O albergue tinha uma disciplina de horários. Também num prédio de cinco andares cheio de jovens... Cada quarto era ocupado por quatro ou seis jovens de acordo com as vagas que não ultrapassava quatro dias no maximo de permanência. Diante da insistência do senhor zelador. Despediram-se e marcaram encontro dia seguinte na *Plaza Nueva*

A conversa na Plaza Nueva

Entardecia, quando depois de visitar frei Diego na *Miraflores*, ele atravessou a avenida para o *Paseo Volantin* as margens do *Nervion*. Mães com seus bebês, crianças correndo e pulando em algazarra, idosos de terno e boina preta com suas bengalas, senhoras idosas bem vestidas sentadas nos bancos ao longo do rio. Passou pelo *Arenal* enfrente do teatro *Arriaga* para do outro lado da grande praça entrar por uma das sete *calles* no *Casco Viejo*. Amparo o esperava na entrada sul da *Plaza Nueva*.

A cidade se preparava para as *Fiesta do Zorionak*, celebrando setecentos anos de fundação por Don Diego Lopes de Haro. Barracas de comidas típicas, tablados de teatros de rua e teatro de marionetes para crianças. No coreto central alguns homens testavam a aparelhagem de som. Ali haveria espetáculos de danças e música apresentada por grupos populares basco. Um cartaz afirmava que viria artista de toda a Europa.

Quando entrou no *Casco Viejo*, percebeu uma agitação de jovens que corriam pelas ruas estreitas perseguidos por policiais. As paredes pintadas “*Gora Euscal Herria*.” Eram ativistas do ETA.

Ficou preocupado. Percebeu na entrada sul da *Plaza Nueva* uma aglomeração de pessoas tentando impedir que policiais algemassem um jovem punk. Aproximou-se. Ele vestia roupas góticas, brincos, tatuagem pelos braços e um tufo de cabelos vermelhos na cabeça. As pessoas discutiam com os policiais argumentando que estavam em festas. Uma senhora exaltada gritava. -*Deixe-lo. Este joven no es de ETA, pertenece a un grupo de artistas góticos*. Depois de muito bate - boca, empurra-empurra e deixa pra lá os policiais carrancudos soltaram o jovem!

A aglomeração se desfez. A vida na *Plaza Nueva* voltou ao normal. Exposição de livros antigos, selos, moedas, discos antigos. Artesãos expondo trabalhos em metal. Africanos expondo esculturas em madeira escura. Vendiam-se pássaros! A praça, magicamente voltava no tempo, para a Idade Média.

Ele procurava Amparo. Alta com cabelos pretos, curtos e com aquele chapéu de aba vermelha enrolada, não seria difícil encontra-la no meio de tanta gente. Olhou em todas as direções, para corredor onde ficava lojas e cafés com mesinhas e para o átrio da praça. Ah! Lá estava.

_Olá!-ela gritou.

_Olá!-gritou. Caminhando em sua direção, que encostada numa das colunas do longo corredor retangular da praça, o esperava.

_Como estas? Vistes a confusão?-perguntou.

_Sim. Bem, isto é comum. Você sabe esta luta só terminará com a completa independência política e econômica. A cultura deste povo pela liberdade tem mais de dois mil anos. Ele tem direito a um Estado independente..

_Concordo.-disse-Vamos sentar naquela mesinha, pedir um vinho e continuar a conversa?

_É um convite?-sorriu.

_Sim. Vamos? Sentaram frente a frente. O garçom se aproximou.

_Que querem?

_Duas taças de vinho branco, por favor.

Perceberam que alguém tinha se aproximado e estava de pé ao lado. Levantaram os olhos quase ao mesmo tempo. Ele estava sorrindo.

_Aguri! Ela exclamou. Por pouco não te pegam. Era o jovem punk em carne e osso ali de pé. Ela apresentou-o.

_Encantado. Você escapou por pouco-disse.

Amparo e Aguri tinham participado juntos no Congresso de Direitos Humanos. Ele era militante do ETA. Não um artista punk, muito menos gótico. Estava disfarçado e misturado com o povo e logrou escapar. Com um sorriso largo disse:

_O povo Basco e a ETA são *lo mismo*. Nós advogamos uma solução de diálogo, baseada no reconhecimento e exercício do Direito de Autodeterminação de nosso povo!

_Bem, depois deste inflamado pronunciamento político, junte-se a nós-disse Amparo sorrindo.

Aguri puxou uma cadeira da mesa próxima.

Aquela figura exótica atraia a atenção de todos.

Estavam bebendo, fumando e conversando animadamente, enquanto a *Plaza Nueva* “fervia”.

Aguri olhou para ele e disse-Fale um pouco de você.

_ Bem, Aguri,.Tenho um amigo em Bilbao por isso estou aqui.Ele diz que sou um Sudaca.Vocês sabem o que um sudaca, não?

_ Claro que sabemos.-Amparo-respondeu-Você encontra sudacas por todo lado. Aguri ria.

_ Esta é a triste realidade dos jovens artistas excluídos de Latino América estão aqui todos tentando ganhar umas pesetas São músicos, artesãos, pintores.Mas você não é artista?

_ Não, Quero escrever um livro.Talvez sobre Bilbao.Esta cidade me encanta.

_ Não será fácil você encontrar um editor disposto a investir em um estreante na literatura.Eles só publicam obras dos notáveis.Mas, tenho alguns contatos com editores do underground, são poucos, mas estão sempre atentos aos novos talentos.

_ Veja meus olhos! já estou começando a me interessar.Mesmo porque o dinheiro esta acabando, e tenho que trabalhar para ganhar algumas pesetas se quiser viver aqui.

_ Quero ser direto.Você é de esquerda, não?-Aguri perguntou olhando fixo para o Sudaca.

_ Como é que você sabe?

_ Tinha que ser.Envolvido com Amparo.Ela é uma adorável comunista.-Eles riam com Aguri.

_ Para a esquerda, as lutas pelas reformas de base começaram antes do golpe militar de sessenta e quatro.Pagamos um alto preço em vidas, além de um notável retrocesso cultural, democrático e econômico. Estamos tentamos recuperar o tempo perdido exercitando o direito democrático de votar!Já fizemos até impeachment de presidente.A última eleição, um intelectual neoliberal, simpático pela tal da globalização foi o vencedor.Quem sabe se um dia a esquerda elege um presidente?

_ Sim, é possível.A esquerda tem avançado pelo voto popular.

_ A participação da juventude cara pintada no impedimento em seu país, foi saudada pelos jovens daqui.No entanto as benesses

da globalização neoliberal só têm servido a elite e ao primeiro mundo. De toda forma a esquerda na América Latina tem uma agenda democrática na distribuição de renda, na educação, saúde e reforma agrária. Amparo sabe de tudo isso. Não é? -Aguri comentou.

_ Sim. Minha mãe estava grávida, quando meu pai, e milhares de democratas foram presos e mortos no estádio Nacional de Santiago. O nosso povo tem sido incansável na luta pela democracia. Temos conseguido avanços, mas não é o bastante! Aguri tem razão. -ela comentou.

_ Nos anos da ditadura você não foi pra luta armada? -Amparo perguntou.

_ Não. Para o Partido, a estratégia de luta pela democracia não era a luta armada. Todos nós perdemos! Mas, finalmente, a ditadura foi a grande derrotada!

_ O que não dizer dos queridos irmãos argentinos. De las madres da Plaza de Maio. Ah! Não chores por mim Argentina ... -poetou Aguri, emocionado.

Eles ficaram em silêncio alguns segundos. Os olhos de Aguri brilhavam. Sudaca retomou a conversa.

_ Como você mesmo reiterou hoje a esquerda participa do processo eleitoral em muitos países da América Latina, com possibilidade de vencer pelo esgotamento das políticas neoliberais, que não atende as massas. Nós ainda teremos um metalúrgico na presidência da república, Deus é grande! -concluiu.

_ Como assim? Perguntou Amparo.

_ Nas próximas eleições apoiaremos um candidato contemporâneo do metalúrgico Diego Clavé, frei Diego, você sabe.

_ Não diga! Qualquer noite dessas vamos reunir com frei Diego para nos relatar sua passagem pelo movimento operário. Esse frei tem muita história! Não é Aguri?

_ Bem, eu já conheço. É muito interessante. Você deve ouvi-lo. Mas, permita que eu termine meu raciocínio. Aqui nós não temos uma república. Temos uma monarquia parlamentarista. Você sabe, na guerra civil espanhola, com ajuda das Brigadas

Internacionais por curto tempo sustentamos um regime republicano, mas fomos derrotados pelos fascistas e Gernica ficará para sempre na memória de todos os revolucionários como a cidade mártir da luta pela liberdade.

_Diego levou-me para visitar Gernica.Emocionou-me demais estar naquela cidade histórica!-interrompeu Sudaca.

_Você sabe!Pablo Picasso a imortalizou.

_E como surgiu o E.T.A.?-perguntou Amparo.

_Os patriotas bascos vinham lutando pela independência desde a ditadura Franquista, mas a partir de mil novecentos e cinquenta e nove quando o partido nacional basco cindiu-se lutamos em duas frentes, a luta legal parlamentar e a luta armada com o “Euzkadi Ta Azkatasuna”-explicou Aguri,e continuou-

_Então você é um velho comunista graças a Deus! Aguri não perdia uma.Era um gozador.E ria.

_Que tal enchermos as taças. Garçom! –chamou, fazendo sinal com a mão.

_Quero fazer um brinde à você Sudaca que consiga escrever o tal livro, para viver como escritor! À Amparo pelo êxito das denúncias contra a prostituição infantil e a nós bilbainos pelas festas do Zorionak Bilbao -disse Aguri.

.Levantamos as taças.-“Gora Euscal Herria”!-Exclamou.

_”Gora”!-Amparo e Sudaca-gritaram em coro.

_Fale de seu livro.-Amparo perguntou com interesse..

_Então! A minha imaginação, esta povoada de fantasmas que desejam um espaço para viver suas vidas.Eles querem conversar e amar aqui nesta cidade.Tenho que tira-los da minha cabeça para páginas em branco.Desta maneira o primeiro passo, é encontrar um lugar especial, com bons fluidos para articular as idéias e escrever.O Albergue é ótimo, porem depois de quatro dias tenho que levantar acampamento como um cigano!

_Como um cigano não! Como um sudaca.Escuta! você tem que viver no Casco.Aqui tem a magia secular, capaz de inspirar um poeta a libertar os seus fantasmas!

“Venha para o Casco na tremenda noite destas”.
Caminhe pelas pedras seculares das estreitas calles,
em cada esquina de um caserio um rosto á espreita
ou quem sabe a donzela vista no balcão
é a bruma pálida do silencioso Nervion que te confunde olhos!”

Aguri levantou-se e curvando-se fez uma reverencia de fidalgo medieval.

_Tenho que ir.Ainda nos encontramos pelas esquinas da vida! - disse.

Ela e Sudaca ficaram ainda um tempo envolvidos pela poesia de Aguri,enquanto, ele desaparecia balançando o penacho vermelho. no meio da agitação festiva da *Plaza Nueva*. Conversando sobre o Aguri chegaram a conclusão que disfarçado de punk e dizendo poesia. Ele era incrível!

Amparo tinha que partir no dia seguinte para a França.Queria aproveitar os dias que ainda lhe restava para conhecer Paris, já que o Congresso tinha terminado.

_Você vai amar Paris.Caminhe pelas margens do Sena.Visite os museus e use sempre o metrô-disse.

Saíram da *Plaza Nueva*.Atravessaram o *Arenal*.Já era noite.Bilbao toda iluminada.Um grupo tocava no coreto.Centenas de pessoas nas ruas para o início das *Fiestas*.Levou-a até a parada do circular.Ficaram se olhando.Parece que ele viu lagrimas.Ela entrou no circular iluminado, sentou-se do lado da janela. Acenou quando o ônibus partiu.Ele continuou seu caminho para o *Passeo Volantin*, as margens do *Nervion*. Estava tudo muito calmo.Soprava uma brisa fria.Sentou-se num banco.Tinha lágrimas nos olhos que embaçavam os óculos.Tirou.Limpou as lentes.

“Na minha idade um homem se emociona facilmente!”

O Mestre chinês e o Gafanhoto

Alguns dias depois, caminhava pela Grã Via olhando as vitrines de lojas famosas da Europa e as bilbainas, parou na banca de jornal para ver as manchetes.

_Vendo as notícias ou revistas eróticas? Virou-se era Aguri.

_*Hombre!*Arrastou o para um lado.Que estas tramando?-disse sorrindo.

_Nada, nada.Como podes ver, hoje sou um cidadão respeitável.Venha vamos tomar um “cortado”.e depois ouvir um mestre chinês socrático no “*Casco.*” Entraram abraçados no café da *Plaza Circular*.E Amparo?

_ Amparo esta em Paris aproveitando os últimos dias na Europa.Provavelmente visitando museus, igrejas, Versalhes. Depois volta para o Chile.

_Ela deixou o endereço em Santiago.Estás interessado em saber?-disse com um sorriso matreiro.

_Claro-Sei que não és um egoísta.

Aguri abriu a carteira.Tirou dinheiro para pagar a despesa e um cartão da Amparo.Ela pediu que te entregasse! – disse.Sabe Sudaca, tu es um cara de sorte!

_Grande sorte!Ela vai á Paris e você me entrega o endereço de Santiago.

_ Bem, já é um consolo.Não é mesmo?Vamos para o *Casco Viejo*?

_Vamos.Mas fale-me deste mestre chinês.

_O Mestre é uma espécie de guru para os jovens.É um chinês idoso e cego.Ninguém sabe quando chegou no Casco e muito menos a sua idade.Dizem que é secular e já virou lenda.Vive em um porão próximo de *Santos Juanes*.Ao entardecer caminha com seu cajado até a praça para meditar e filosofar com os jovens.

_Daqui até o Casco é longe, não?

_Vamos de metrô. Ali do outro lado e descemos na Estação *Casco Viejo*.Assim você também conhece o mais moderno da Europa-disse sorrindo.

_Você não tem jeito?Atravessaram a rua.Entraram na escadaria do metrô.Desceram até a plataforma de embarque.Em segundos surgiu o trem deslizando suavemente.(um pouco estridente, convenhamos) De linhas modernas, tudo muito limpo, sem ser acolhedor.Embarcaram.Realmente, o interior do trem também impressionava.

_Se não me engano estamos passando por baixo do *Nervion*.-disse.

_Exatamente.Veja estamos chegando.!

Desembarcaram.Saíram para a rua e perceberam a movimentação de jovens entorno de uma fonte ou bebedouro. Aproximaram-se e lá estava o Mestre.

Aguri indicou que chegassem mais perto e sentassem no chão.Pediram licença e conseguiram ficar de frente para o Mestre.Ele falava pausadamente.Em trajes muito simples, com um camisolão, sentado sobre as pernas.Cabelos brancos longos e barba rala .O rosto lembrava uma ameixa amarela seca, com dois olhos puxados e com um tom azulado em volta, como olhos que começavam a ficar cegos com catarata(lembrei Sam Shepard).Aquele Chinês secular não era deste mundo!

._ A imaginação é mais importante que o conhecimento.

Parou por um momento.A platéia ficou em silencio.

_Esta frase é do meu amigo A.Einstein. !OuvIU-se um murmúrio geral de surpresa-e continuou.

_Somente o homem tem a imaginação. É propriedade do cérebro que vem evoluindo com ele mesmo, por estes milhões de anos. Mesmo antes de produzir as primeiras ferramentas em pedra lascada, na verdade uma obra de arte, já usava este poder visionário que é a imaginação. Por ela e com ela criamos aquelas primeiras ferramentas, e todas que hoje e no futuro transformarão o homem de escravo em senhor. A imaginação deu poder ao homem de transcender a sua própria natureza. Tudo que é imaginado será possível de se tornar realidade. Vejamos – A imaginação é produto do cérebro humano que faz parte do homem

que é produto da natureza que faz parte da matéria cósmica que compõem o Universo.

Aguri deu-lhe uma cotovelada e ruminou - fala com ele, Sudaca.Pergunta.

Mestre-A imaginação também pode ser chamada de inspiração?

_Ele balançou a cabeça.-Sim Gafanhoto – Você pode chamá-la inspiração

_Mestre, eu não sou gafanhoto sou um sudaca-disse.

Ele pensou um instante.*Hombre*, escuta! Um gafanhoto e um sudaca não diferem, são eternos solitários!.

Seus olhos embaçaram.O chinês estendeu a mão sobre sua cabeça.

_Mestre - para escrever um livro é preciso inspiração?

_Sim, Gafanhoto! Se bem entendi Gafanhoto quer falar de obras de arte?

_Sim Mestre.De obras de arte..

_Tudo que o homem cria pelas suas mãos é obra de arte.

Mestre inclinou-se ,apanhou o cajado.

_Veja este pedaço de árvore.É arte, tem um trabalho incorporado.Foi criado por um Homem usando a imaginação.Sem imaginação o homem não produz nada.Não ganharia a condição de Homem.

_Mestre-Parece-me muito simples criar uma obra de arte?

_Gafanhoto - é simples parir um filho?Lembre-se quantos meses você ficou em processo de fina escultura, organização e estrutura no ventre da mãe.Lembre-se do sofrimento e das dores, descolar os pulmões e respirar.A primeira luz que feriu teus olhos e te deu a visão.Não, Gafanhoto. A criação da obra de arte é como parir um filho.Exige sofrimento.Não é simples.

_Continue Mestre.

Aguri olhava espantado!

_ A imaginação prepara a obra de arte no teu cérebro.Na tua cabeça-entende?Pode ficar meses em gestação.Parir –Gafanhoto, quer dizer por para fora.É transformar aquilo que só você sente, em Arte.Você vai arrancar da tua alma.Haverá dor.

_ Mestre eu preciso fazer algo!. A imaginação tem me atormentado com vozes, fantasmas.

_O Mestre sorriu e disse-.É assim que tudo começa.

_Gafanhoto, ele disse-Você esta prenho!

Aguri se mexia, olhava o Sudaca e balançava a cabeça.

_ Prenho de imaginação.Se tu ouvires vozes, são os teus fantasmas. Mas você os conhecerá um a um.Na madrugada eles iniciam a conversa até os primeiros raios de sol. Você está acordado e eles conversando. Muda de um lado para o outro. Olha para cima. . Levanta para tomar água, depois para urinar.Não adianta. Mal você se deita eles iniciam aquela conversa interminável Algumas vezes você pensa que eles se foram. Então é o tic-tac do relógio que aumenta tornando-se insuportável ou o som da “música dos anjos”, aqueles tubos de metal dependurados na varanda.Você também ouve o ronco da sua mulher.Mas subitamente como por encanto eles voltam a conversar dentro da tua cabeça Eles vem do passado. Da infância, ou da adolescência. De dez anos ou de ontem.

_Mestre este tormento nada mais é que insônia- ele afirmou!

_Sim Gafanhoto é insônia.

_Mestre.Se a imaginação não se transformar em arte?O que acontece?

_Boa pergunta Gafanhoto!Provavelmente virá a demência.A poderosa força da imaginação, razão mesma da evolução humana provocará uma convulsão cerebral.É a loucura.

Aguri passava as mãos, coçava e balançava a cabeça.

_Bem, Mestre agora só me resta uma pergunta.

_Faça Gafanhoto!.

_Que fazer para libertar a imaginação.Torna-la Arte?

_Simples Gafanhoto.Escrever, Pintar, Desenhar, e tudo mais que for possível com as mãos, é forma de libertar a imaginação transformando-a em Arte.

_Entendi Mestre. -Obrigado.Levantou-se e puxou Aguri que estava catatônico, pasmo.

_Gafanhoto!Siga teu caminho de sudaca!Juntou as duas mãos espalmadas na frente do rosto, abaixou a cabeça em reverencia.

_Acho que você e o Mestre viveram em outra encarnação!Essa estória de insônia!Você não dorme mais Sudaca?O Mestre tem

razão. Se você está com a cabeça preta trate de por esses bichos pra fora. Escreva um livro, pinte um quadro, senão você vai acabar aqui no Casco falando com as pedras seculares!. E eu sou o culpado de te trazer aqui.-disse Aguri, rindo, balançando a cabeça e caminhando ao seu lado em direção a *Plaza Nueva*

_Eu gostei do Mestre. Insônia eu tenho há muito tempo Ele tem razão tenho que fazer alguma coisa. Minha cabeça está cheia de fantasmas!.

_Acho que o teu problema é a Ampero. Agora vamos até a tenda de um artesão de arte popular. Nada melhor que um artista pra ver se você melhora da cabeça.-disse Aguri e continuou- Só que primeiro vou tratar de assunto da organização. Depois você conversa sobre tua neurastenia. Esta bem?

_Perfeito. Entraram na *Plaza Nueva*. Estava tudo calmo. Algumas crianças correndo atrás de não se sabe o que. Velhos de boinas conversando e turistas bebendo e degustando iguarias, *bocados*, nas mesas ao ar livre. Caminharam pelo corredor onde ficavam as lojas.

_É ali. – disse. Apontando para uma porta com uma placa acima, escrita em Euskera e Espanhol ARTEZANATO. Na vitrine figuras esculpidas em madeira. Velhos de boina e bengala, lenhadores cortando toras com machado. Jogadores de pelota basca, enfim centenas de bonecos e bandeirinhas.

_Ola! Garay como estas. Trouxestes o material?-perguntou Aguri.

_Quem é este.? –inquiriu, secamente o jovem olhando-o.

_É de confiança. Amigo de Diego Clavé.

Abriu um sorriso.

_Ola! Que tal Bilbao? Não esperou a resposta e chamou Aguri para o interior da loja.

_Desculpe não demoramos. Por favor, de uma olhada na loja.

Ficou olhando outras peças. O trabalho de escultura em madeira era muito interessante. Havia também raízes secas trabalhadas e envernizadas com forma de águias, corujas, formas bizarras ou modernas. Garay era um bom artista. Despertou-lhe um grande interesse poder conversar com o artesão. Queria trocar idéias sobre as inquietações que passavam –lhe na cabeça. Garay como

escultor teria uma experiência rica do processo de transformar a imaginação em obra de arte!-pensou.

Os dois ficaram conversando mais de umas horas!Não se ouvia as vozes somente murmúrios como se tivessem cochichando.Tentou por a cabeça na entrada do pequeno corredor para ouvir, quando eles surgiram com certa inquietação.

._Porra! Como demoraram. Estava ansioso para conversar!...-disse.

_Não vai dar!-disse Aguri Temos que levar o material de propaganda para o nosso pessoal em San Sebastian.

Tentou uma conversa sobre a figura de um lenhador carregando uma tora de madeira.

_Desculpe.Esta figura não é um lenhador.É um atleta e virando-se pára Aguri.

_ Vamos embora.Não podemos perder mais tempo!Tenho que fechar a loja.

Saíram para o corredor.Garay fechou a porta de vidro com chave e tomaram direção da saída levando grandes pacotes nas mãos.Aguri virou-se.”Ainda nos veremos.”

Ficou parado enfrente a loja do Garay pensando na arte popular basca e o ETA.Decidiu;

_.Vou tomar um belo chope gelado!

Sentou-se numa das mesas ao ar livre.,Enquanto se refrescava pensava em Amparo na semana das *fiestas* sentados ali praça.

“Devia ter –se arriscado mais. Podia se dar mal e não gostaria de sofrer novamente. Ele não tinha mais estrutura para uma desilusão. Era um passional”.

“Afiml ela deve estar em Santiago do Chile”.

Bebeu chopes até o anoitecer.Chamou o garçom.Pagou a conta e levantou-se.Percebeu que iria andar de pernas abertas para segurar-se de pé.Sentou-se novamente

“.Enquanto não passar a bebedeira não saio daqui” -pensou.O garçom voltou para saber se ele queria mais um chope.Agradeceu e disse que não estava se sentindo bem.

_Onde é o banheiro?-por favor,

_Entre por aquela porta É lá no fundo e apontou na direção do bar.

Levantou-se e segurando nas cadeiras caminhava melhor. Entrou bar adentro passando no meio das pessoas que bebiam ou conversavam.

Parou diante de duas portas fechadas-. ”Vou tentar esta”. Abriu, e entrou. Deu de cara com o cozinheiro. Ele sorriu e disse _ O Manolo esta ensaiando o espetáculo no andar de cima!

Alguma coisa está errada!-pensou.

_Senhor, por favor, eu quero o banheiro!

_Ah! Volte pelo mesmo caminho. É à esquerda. Sorriu. Voltou e não achou o bendito banheiro.

Urinou na lata de lixo! Saiu aliviado. Caminhou pelo meio daquele turbilhão de vozes, dando trombada em todo mundo. Sentou-se e o garçom tornou a perguntar.

_Achou o Banheiro?

_Achei.-disse.

“Bem agora vou esperar até o tal Manolo aparecer”. Cansou-se e desistiu. Levantou-se e tomou a direção da *Plaza Circular*. Pegou o ônibus para o albergue. Há momento que um homem se sente deprimido. Aquele era o dele. Talvez os acontecimentos daquela tarde ou as palavras do velho chinês, mas, podia ter sido o excesso de bebida ou a urinada na lata de lixo. Não sabia dizer. Apenas entrou no albergue direto pelas escadas. Abriu a porta do seu quarto e jogou-se na cama como um pacote bêbado.

Acordou com novos hospedes barulhentos empurrando malas pelo quarto adentro. Também era seu último dia no albergue. Tinha que começar vida nova. ”*Bajar Maletas*”.

_Ola! - disse.

_Good Morning!

Levantou-se. Tinha que se vestir, arrumar rapidamente suas roupas na mala de viagem e correr para não perder a verdadeira refeição, o café da manhã. Deixou os novos ocupantes entretidos em desarrumar as malas e desceu. Comeu pelo dia inteiro. ”Nunca se sabe o dia de amanhã!”

Uma hora depois estava na rua. As manhãs já eram frias, só começando a esquentar por volta das dez horas, quando planejava estar chegando em *Kastrexana*.

Kastrexana ou dormindo com os Anjos.

Como de costume, quando desceu da condução na Plaza Circular com a maleta de viagem foi tomar o “*cortadito*” no grande e antigo restaurante da esquina.

_Ola! Como estas.?Um *cortado*, por favor.

_Muito bem! Vai de viagem?Parece que teu amigo esta em apuros.

_Que amigo? –perguntou com surpresa e assustado.

_Aquele que esteve aqui ontem tomando café com o senhor.A foto dele está no *El País*.

Pagou e saiu direto para a banca de jornal.Havia um aglomerado de pessoas lendo as manchetes.Sim, era ele.Estava algemado.Tinha sido preso por uma patrulha militar que fazia uma barreira na rodovia Bilbao –Donostia com material de propaganda do ETA.O carro apreendido era roubado e dois ativistas tinham conseguido fugir, desaparecendo na floresta.

“Bem, um era o mal-educado do Garay e o outro quem seria”?-

Atravessou a avenida em direção à estação de Abando, comprou cigarros(sentia-se angustiado)Caminhou pelo grande salão cheio de viajantes até o outro lado.Desceu as escadarias e entrou na estação da FEV.

“Acho que Aguri não escapa desta vez”.-falou consigo mesmo.

Acendeu um cigarro, subiu as escadas e sentou-se a espera do trem.Na sua mente passava as cenas acontecidas na loja de artesanatos da *Plaza Nueva*.Não o verei mais-pensou.

Bem, tinha que se acostumar a carregar suas coisas como um cigano, ou melhor, como um sudaca.

O trem lotava, somente no horário de pico com a gente que trabalhava no comercio e vivia nas cercanias da cidade.Assim tudo estava tranqüilo. Ouvia-se apenas uma canção popular pelo alto falante.

Seriam vinte minutos de viagem.Teria tempo para descansar, vislumbrar o relevo montanhoso rural oeste, as pequenas cidades, pôr as idéias em ordem.Depois um canto para dormir.

Seu dormitório por uma semana seria a sacristia de uma centenária igreja. Talvez a única de Kastrexana. A melodia foi interrompida e uma voz anunciava a chegada do trem. Levantou-se. A composição aproximava-se lentamente.

Escolheu o vagão. Entrou e sentou-se junto da janela. Não demorou e lentamente o trem foi deixando a estação. A velocidade aumentava. Era moderno, com assentos simples, confortável e tudo muito limpo.

Lembrou-se das chaves. Sim as chaves da entrada da igreja. Puxou sua maleta de viagem do reservado acima e verificou no compartimento fechado com zíper. Lá estava. Retirou-a e colocou a sacola no mesmo lugar “É uma bela chave para uma porta nada pequena” -pensou sorrindo.

Seus pensamentos eram interrompidos pela voz dentro do vagão quando anunciava:

Próxima parada Ametzola...Basurto...Zorrotza

_ “A solução é a igreja!. Você vai dormir em *Kastrexana*. Não é longe de Bilbao. Ninguém vai te incomodar. Não gastaras uma peseta e dormirás com os santos”, dizia frei Diego Clavé resolvendo de imediato o problema de hospedagem, quando lhe contou que tinha que deixar o Albergue depois de quatro dias.

_ Não posso ficar nem mais um dia, estava escrito no contrato - Sudaca acrescentou.

_ Por uma semana você pode ficar lá. Só por uma semana, porque estarei atendendo outra paróquia. - Está bem? - disse.

_ É tudo que eu preciso. .

_ Vou preparar um colchonete, cobertores e deixar tudo no canto na sacristia atrás do altar. Ali tenho muitas coisas pessoais livros, ferramentas, instrumental de restauração e pintura. Todos os quadros da via *crucis* de Jesus na parede da igreja fui eu e Mercedes que restauramos! - disse.

_ Você sabe que tenho muito interesse em arte - pintura, escultura arquitetura. Vou apreciar teu trabalho.

_ Aquela igreja provavelmente foi construída no século dezoito depois foi várias vezes restaurada. Esteve fechada durante anos

A voz metálica no vagão, tirou-o da cena com Diego Clavé. Estava segurando firmemente a chave. Puxou a sacola de viagem do compartimento. Preparou-se para descer. Ficou em frente da porta. Observou um aviso que dizia –Aperte para destravar.

O trem foi parando lentamente. Ouviu-se um som de freios a ar. Apertou o botão e a porta abriu-se. ”Viva consegui!”. Desceu. Ele foi único passageiro a desembarcar. O trem continuou seu destino. Olhou em volta. Estava só em pé numa plataforma de estação, e uma placa na parede Kastrexana.

A manhã estava clara ensolarada, mas um pouco fria. Em todas as direções que olhava montanhas cobertas de cedros. Caminhou pela plataforma passou pela cabine da estação. Colado na janela um aviso da FEV com os horários do trem. Seguiu o caminho para uma escadaria de concreto que subia e terminava na rodovia asfaltada. A poucos metros, e a direita estava *o caserio* de dois andares todo construído em pedras e *robles*, igual a todas as construções da zona rural, com uma tabuleta em madeira escrita em letras góticas ‘*Cerbeceria do Garay*’. -É aqui .” Agora tenho que descobrir a igreja”. Continuou andando passou enfrente a *cebeceria*, a porta principal estava fechada. ”Bem ainda é cedo” .- .O caminho lateral de pedras continuava agora subindo um aclive e terminava numa grande área plana. Enfim entre os caserios de pedras, estava a igreja centenária também construída em pedras. Na verdade não parecia uma igreja e sim um *caserio*. Na frente um jardim de arbustos e embaixo de uma cobertura de telhas seculares, sustentada por uma armação de *robles* e no fundo a grande porta principal. Levantou a sua mão fechada Abriu-a. “Eis a chave e ali a porta”. Virou-se para admirar a vila populosa e a paisagem. Linda e bucólica.

Subiu um degrau de tabuas com a chave, em posição para enfiar na fechadura. Girou uma vez. Duas vezes. Empurrou e a porta se abriu. Entrou, caminhando em cima de um assoalho de madeira envernizado. A cada passo que dava o assoalho rangia. Olhava para cima, para os lados e para o altar atônito e maravilhado. Percorreu

a nave da pequena igreja iluminada pela luz branca que atravessava os vitrais laterais e subiu os degraus do altar.

Parou. Olhou acima um Cristo crucificado. Embaixo, em cima de um pedestal a Virgem com vestes em azul celeste. A sua frente debaixo do altar estava a passagem para a sacristia. Entrou na pequena sacristia. Uma janela de madeira que se abria por detrás de uma grade de ferro. Um piso em cimento e uma escrivaninha antiga em madeira de cor escura. Para o outro lado a sacristia se alongava em uma sala com uma mesa de trabalho. Em cima tintas ferramentas e ao lado prateleiras repletas de livros, muitos livros. Aqueles eram os tesouros do frei Diego Clavé.

Voltou para a sacristia. Embaixo da janela e encima de um grosso e velho tapete estava o colchonete e os cobertores que seriam sua cama. Colocou a maleta de viagem na escrivaninha. Sentou-se e olhou para os colchonete, os cobertores.

“É hora de arrumar minha cama”.-pensou. Mas primeiro vou mijar!

Atravessou o corredor. Saiu. Meteu-se entre os arbustos abriu a braguilha da calça e mijou a vontade- “Aqui vai ser meu mijadoro.”

Depois que ajeitou seu “quarto,” tirou algumas roupas da maleta. Pendurou outras na cadeira e no cabide do canto junto da janela. Saiu para conhecer Garay.

_ *Hombre!* É você o amigo de frei Diego?-Gritou Garay da porta da *cerbeceria*. Era um homem alto, forte cabelo grisalho vestido com um avental de cozinheiro.

_ Sim. Acabei de chegar. Deixei minhas coisas na igreja.

_ “*Venga*” vamos tomar um ‘cortado’ e conhecer a casa. Entraram. Restaurante amplo com mesas cadeira e lustres em madeira rústica envernizada lembrando uma taverna alemã. Na entrada um longo balcão construído de toras de madeira com duas bombas de pressão para tirar chope. Encima penduradas muitas canecas de cristal. Encostado ao balcão banquetas também em madeira envernizada

Sentou-se numa banquetta. Garay deu a volta e passou para trás do balcão. Foi direto para a maquina de café expresso preparar o cortado.

_ Muito ou pouco leite? Perguntou.

_ Pouco-disse. Colocou as duas xícaras no balcão. Papelotes de açúcar. Sentou-se ao seu lado. "Conte-me tudo".

Conversaram longamente. Apresentou-lhe a mulher Begonã, a sogra Begoña, a filha Begonã os filhos Garay Primeiro, Garay Segundo e Garay Terceiro.

Quando pousou os olhos no Garay Terceiro, reconheceu—É ele!

Garay não falou uma palavra sobre Aguri ou aquele encontro na loja de artesanatos da *Plaza Nueva*.

Terminaram a conversa quase na hora do almoço quando já chegavam alguns turistas e funcionários de uma empresa de telefonia.

_ Fique para o almoço" - ordenou.

_ Obrigado Garay-sinto-me um pouco cansado.-Vou descansar, talvez depois.

Voltou apressado para a igreja tonto de tantos Garays e Begoñas. "Vou ficar doido" -pensou, além disso, aquele Garay está escondendo a verdadeira identidade. Abriu a porta e foi passando entre os bancos ouvindo seus passos no assoalho. "Vou acordar todos". Parou embaixo do altar. Sentiu que a Virgem o olhava. Olhou na sua direção. Fixou bem as vistas Deu de ombros. Depois entrou na sacristia. Tirou seus sapatos e se deitou. "Realmente a cama era muito dura!". Fechou os olhos.- "Acho que a Virgem estava sorrindo". Adormeceu.

Tam!...Tam!...Tam!.... Abriu os olhos para um forro de madeira pintado de azul com manchas de umidade nos cantos que desciam por uma das paredes e uma lâmpada empoeirada no fim de um fio. Tam...Tam...Tam... Sim, batiam em algum lugar. Virou a cabeça para o lado da janela da sacristia. Entardecia. Avistou um punho que batia no vidro-Tam...Tam...Tam... Levantou-se e olhou encostado ao vidro da janela. Era Garay filho. Não sabia qual. Garay Primeiro. Segundo ou Terceiro.

_ Hora de jantar!- gritou do lado de fora.

Fazendo sinais com as mãos indicou que iria abrir a porta da igreja. Ajeitou-se. Atravessou o corredor da nave. Olhou para a Virgem. Estava com aquele olhar doce e uma expressão tranqüila. Abriu a porta.

_Pai quer que o senhor venha jantar.

_Então vamos. –disse e começaram a descer em direção a *cerbeceria*.

Diga-me, por favor. Qual Garay tu és ?

_Não estas vendo. _Eu sou Garay Primeiro.

Enquanto Garay Primeiro ajudava no restaurante, Garay Segundo trabalhava numa serraria do outro lado da estação. Junto com Garay Terceiro selecionavam os cedros na floresta, depois cortavam e transformavam em tabuas aparelhadas nas máquinas. Toda a madeira usada na construção, decoração interna e acabamento do restaurante tinha sido cortada e aparelhada por eles na *Serraria do Garay*

_Na região, só existe este bar completo construído em madeira nobre! Todos estes móveis e a decoração country foram desenhados por nós. Não é uma beleza! –comentava com orgulho. Mas, Garay Terceiro também tinha outros talentos. Era artezão. Com os retalhos de madeira esculpia figuras folclóricas da vida do povo Basco. Passava as noites, (quando não estava em outras atividades) na oficina atrás da *cerbeceria* esculpindo seus bonecos. Eles seguiram a profissão do Garay pai que tinha sido lenhador, que, por sua vez herdara a profissão e a serraria do Garay avô. Falava-se que Garay avô tinha sido campeão nos torneios do corte de toras com machado, durante muitos anos, tornando-se praticamente imbatível. Parou de competir, quando, já com as vistas cansadas ao cortar uma tora acertou com o machado o próprio pé!

Mas , a estória secular que virou lenda e o próprio Garay o velho não sabe explicar é o desaparecimento do Vô, como era chamado. Dizem que uma noite enluarada ele saiu com o machado para cortar cedros. (tentaram dissuadi-lo!) Embrenhou-se floresta adentro e foi derrubando cedros numa volúpia tremenda, que, metade dos Pirineus foi derrubada naquela noite. Até em

França a lenda é conhecida. Conta-se que nas noites de lua cheia pode-se ver um velho lenhador de boina, derrubando ferozmente com o machado, toda árvore que aparece pela frente. É o Garay vô.

Durante *las Fiestas* da fundação de Bilbao as atrações mais concorridas foram às disputas do corte de toras com machado, o corte de toras com serra por duplas e o cabo de guerra. São esportes populares praticados pelos bascos há dois mil anos ou mais. Junto com a pelota basca atraem multidões.

O *Paseo do Arenal* estava lotado para assistir o torneio nacional. A família Garay levou uma verdadeira caravana de moradores de *Kastrexana* com representantes do povoado para torcer pelos seus dignos representantes. Garay Segundo e Garay Terceiro eram tidos como favoritos nas duplas do corte da tora com serra. Quantas vezes iam os dois para a floresta derrubando cedros com a serra. Cada um segurando o cabo daquela longa serra e roc, roc, roc, roc até derrubar o cedro. Eles eram preparados! No lançamento de tora a distancia Garay terceiro era o melhor. E no corte da tora com machado Garay Primeiro era um especialista. Os moradores portando faixas e bandeiras com Garay pai à frente organizaram uma torcida alegre e barulhenta e se postaram na frente do Teatro *Arriaga*. A expectativa era enorme quando entraram os competidores em fila todos vestidos com camisa regata e mostrando músculos. O povo ovacionava os atletas da região e vaiava os visitantes.

No corte da tora com serra por duplas Garay Segundo e Garay terceiro foram derrotados. No arremesso da tora a distancia aconteceu um tumulto quando o juiz desclassificou Garay Terceiro. Garay o velho, invadiu a área de disputa para tomar satisfação com o juiz. Os outros atletas conseguiram segurar o inconformado Garay e arrasta-lo com muito custo para além das cordas de isolamento.

_Porra! Assim não é possível. O juiz é parente do baixinho!- resmungava inconformado.

A tristeza só não foi maior porque Garay Primeiro foi classificado para a final no corte de toras com machado. Na final também foi derrotado pelo mesmo baixinho musculoso.

Quando voltou Garay o velho (assim chamado depois de jurar morte ao juiz do torneio de arremesso de toras, pelas simpatias com baixinho musculoso), tinha um sorriso em seus lábios.

_Hombre! vamos comer. Hoje você é meu convidado!

Indicou-lhe uma mesa de canto para duas pessoas. Estava com o avental de cozinheiro caminhando por entre as mesas já ocupadas por casais e famílias. Acompanhou-o até a mesa. Sentou-se. Garay inclinou-se e disse em tom baixo:

_Preparei um prato especial, minha especialidade-Sopa de Grão de Bicos!

Enquanto Garay o velho, dirigia a cozinha com Begoña mãe, o atendimento das mesas era feito por Begoña filha e Garay Primeiro. No bar ficava Garay segundo. Garay terceiro (veio a descobrir depois) raramente aparecia no restaurante. Passava o tempo esculpindo figuras populares em madeira ou trabalhando em raízes secas, recolhidas em pântanos próximos. Era um artista popular.

O salão da *cerbeceria* era amplo. A iluminação suave vinha de luminárias rústicas em madeira compondo uma decoração “country” de uma taverna alemã.

_Pronto aqui está nossa especialidade.- disse trazendo numa grande bandeja com um prato fundo de sopa de Grão de Bicos fumegante, acompanhado de pães caseiros.

_Coma a vontade e bom apetite!

Cortou o pão em pequenos pedaços colocando-os na sopa para depois come-los. Estava realmente deliciosa. Comia enquanto olhava para Begoña filha, que atendia as mesas sempre sorridente, mexia-se com elegância trajando um vestido preto justo com golas em babado de renda branca.”Linda moça”-pensou. _

_Então que tal?-era Garay o velho, que chegava de avental perguntando.

_Igual a sopa dos Franciscanos de Irala. Deliciosa!

_Agora o segundo prato, *Tenera grelhada com pimientos e patatas fritas!*-Levou a bandeja vazia e desapareceu pela porta vaivém da cozinha.Da sua mesa podia acompanhar o movimento.Na televisão localizada num suporte alto que dava visão para todos, se apresentava o conjunto de musica popular Bizkaiko trikilariak, muito apreciado, levando em conta animação que tomou conta das pessoas que jantavam..O apresentador falava em Euskera.Fantástico, os bascos tem sua língua, música, danças, radio e televisão, tudo, menos a independência política e econômica do reino de Espanha.

Como não entendia patavina do que falavam perdeu o interesse e passou a observar Begoña que continuava seu vaivém de servir.Sempre que passava próxima a sua mesa sorria.Desta vez ela parou.

_Que tal um chope cortesia da casa?

_Aceito!Sem colarinho!- disse

Lá se foi ela toda graciosa pedir que Garay Segundo tirar uma caneca de chope sem colarinho.

_Sem colarinho?O que significa isto?-perguntou espantado.

_Não sei-respondeu Begoña.

Lembrou de Diego.Logo se encontrariam para beber, fumar e conversar!

Pela porta da cozinha surgia Garay o velho, com a bandeja e Begoña com o chope.

_Aquí está –Que aproveite!- disse

_Bem vindo ao País Basco-acrescentou Begoña filha.Em seguida se retiraram.

Estava encantado com a hospitalidade dos Garays , mas o chope veio com colarinho!

Depois a sobremesa, pudim de laranja e terminando o “cortado” que preferiu tomar no balcão servido por Garay Segundo.Ficaram conversando sobre a desventura da derrota no torneio do corte da tora com machado, mais assegurou –lhes que não estava abalado e que no ano seguinte as coisas seriam diferentes.

_Não participo mais de competições enquanto aquele juiz pertencer ao quadro de jurados! –disse em tom muito sério.

_Concordo plenamente.Se o baixinho musculoso participasse do torneio as chances dos Garays seriam mínimas!

Com o restaurante quase vazio Garay Primeiro e Begoña filha, juntaram-se à conversa e mais tarde quando os últimos casais despediram-se, Begoña mãe, que lidava na cozinha e Garay, o velho, fecharam o círculo para comentar o incidente durante Las Fiestas .Perguntou por Garay Terceiro disseram-lhe que estava na oficina esculpindo figuras em madeira.

_Venga! Vamos fazer-lhe uma surpresa.-disse –A oficina fica aqui atrás do restaurante.Saíram pela porta dos fundos para o terreno e notaram na escuridão a luz do galpão que filtrava pela janela lateral.Garay o velho bateu na porta.Terceiro abriu mostrando surpresa com a presença deles àquela hora da noite.

_É aqui que descarrego minhas neuroses.É minha terapia contra o estresse. Mas é também a minha arte.

“Garay continua a dissimular” - disse com seus botões..

No interior do galpão uma mesa de trabalho sobre a qual estavam dezenas de figuras esculpidas, lenhadores, cortadores de toras com o machado, jogadores de pelota basca, velhos de boina segurando a bengala., Todos enfileirados.Outra dezena de peças para terminar. Instrumental de esculpir em madeira cinzéis de vários tamanhos, de corte e pequenos martelos.Nas prateleiras latas de vernizes, tintas, pincéis, muitos pincéis.No fundo do galpão um emaranhado de raízes amontoadas até o teto parecendo um ninho de aranhas enormes.Olhou para nós pensativo.

_Tenho trabalho para um século!-Podem olhar a vontade, mas, por favor, não toquem em nada! E voltou para sentar-se no banco e esculpir seus bonecos.Ficaram olhando por todo canto e por todo o canto havia bonecos.

_Bem, temos que voltar para o restaurante.- Panelas,louça e talheres esperam para serem lavadas.Limpar tudo, porque, amanhã é outro dia de luta.Saíram deixando Garay Terceiro com seus bonecos.

_Não repare!-disse Garay o velho-Ele é assim mesmo!

Quando chegaram ao bar da *cerbeceria* todos tinham-se recolhidos. Despediu-se de Garay agradeceu a cortesia e amabilidade pelo tratamento recebido. Sorriu e abraçou-o.

_Um amigo de Diego tem que ser bem tratado, porque é também meu amigo!

Tomou o curto caminho de pedras que terminava na igreja secular. A noite estava clara, agradável com lua alta e cheia. Parou diante da porta.

“Tenho que mijar”! Entrou no meio dos arbustos e urinou todo o chope que tinha tomado naquela noite! Abriu a porta. Havia claridade que iluminava o interior da pequena igreja, e através dos seculares vitrais empoeirados, vislumbravam-se os santos em gestos e olhares de misericórdia. Preferiu não acender a luminária central e caminhar ouvindo o ranger do assoalho aos seus passos. Ao passar embaixo do altar olhou para Virgem. Estava com olhar sereno.

–Boa noite, Santíssima. Parou alguns segundos. Entrou na sacristia e acendeu a lâmpada. Lá estavam suas coisas e sua cama. Tirou a calça jeans pendurou na cadeira, apagou a luz e enfiou-se nas cobertas. Dormiu. Nessa noite sonhou com Mami.

_Tome mais café com leite -insistia Begoña mãe. Depois de uma refeição matinal tipo hotel cinco estrelas

__ Puro, por favor senhora. Não tenho visto o filho mais velho!- perguntou, querendo especular por onde ele andava.

__ Está na oficina com um amigo.

_ Saiu pela porta dos fundos em direção a oficina de Garay

Terceiro.

“Agora é o momento de por toda a estória em pratos limpos. Ele vai ter que me contar como escapou do cerco da auto pista de San Sebastian, e quero notícias de Aguri”.

A fuga de Agury.

A porta estava meio aberta, empurrou e entrou. Eles viraram-se para ele.

_Aguri! Exclamou. Abraçou-o fortemente Que surpresa! Mas você tinha sido preso em San Sebastian? E, o Garay que desde que cheguei vem dissimulando e fazendo que não nos conhecemos. Vai ter que me explicar o mistério!

_O nosso encontro na loja, minha fuga e posteriormente de Aguri não é assunto que se possa conversar na *cerbeçeria*. Já descobrimos um policial disfarçado freqüentando a casa- acrescentou Garay, em tom sério..

_É verdade Sudaca. Todo cuidado é pouco.

_Desculpe Garay, você tem razão.

_Tenho notícias de Amparo! Isto te interessa? .

_Claro, claro. Ela está bem?

_*Hombre!* Espere. Contenha tua ansiedade! Estava relatando á Garay minha fuga do veiculo policial. Você sabe, temos simpatizantes da nossa causa até na corporação militar! Durante o traslado para Bilbao, percebi algo errado na porta do furgão. Arrastei-me pelo assoalho do veiculo para examinar a tranca e notei que faltava fecha-la. Planejei a fuga para a primeira oportunidade. Ela surgiu na saída do túnel. Com aquela enxurrada do inicio da noite, tinha caído uma barreira, interrompendo a rodovia. O veiculo policial foi obrigado a parar por instantes, o suficiente para descer e correr na direção oposta. A fuga foi facilitada pela quantidade de veículos parados, e porque entrei pela tubulação de ventilação do túnel que termina na encosta da montanha. Ali o relevo escarpado e a chuva facilitaram que chegasse a floresta. Livrei-me das algemas no interior de uma caverna, onde fiquei por alguns dias até a situação se acalmar.

_Foi uma aventura por demais perigosa!- comentou Garay.

_Sim.Caminhei por uma trilha cerca de cinco quilômetros, e chegando na periferia de Bilbao o nosso pessoal de apoio deu cobertura.Agora estou na clandestinidade.

_E você Garay?

_Bem, eu consegui me evadir no momento em que fomos abordados pela patrulha policial.

_Mas havia mais um?-perguntou o Sudaca.

Os dois se olharam,como se interrogassem. Falamos ou não falamos?

_Era Garay o velho, um dos nossos dirigentes mais combativos-completou Aguri.

Olhou para Terceiro.Ele sorriu.

_O mundo é pequeno, como você diz, mas ninguém conhece ninguém, não é?Bem agora tu es um arquivo vivo.Sabes demais Sudaca!

_Sudaca?A única pessoa que me chama de sudaca é o frei Diego.Garay Terceiro deu um sorriso enigmático.O bastante para ele entender certas coisas e começar a pensar em outras.

Aguri interrompeu seus pensamentos.

-Venha conhecer onde moro.Nada mais que vinte minutos pela montanha e conversaremos sobre Amparo.Que tal?

_Ótimo! vamos.Olhou para Garay e despediu-se.Ele tinha o mesmo sorriso nos lábios.

Entraram floresta adentro caminhando por uma trilha estreita.A montanha coberta de cedros terminava em um vale na direção de *Irauregi/Alonsotegi*.A estrada de ferro da FEVE não estava longe porque se podia ouvir o apito e o tram-tram-tram da locomotiva.Passaram por alguns *caseríos* com pequenas hortas,no meio da vegetação, com Aguri caminhando na frente.

_Não é uma paisagem deslumbrante?Veja aquela torre em ruínas.É um velho castelo medieval abandonado.Aproveitamos o que restou da estrutura e fizemos um refugio.É ali que me escondo.

Sim, na verdade o que restou do castelo foi a torre.Aguri abriu a porta e entraram.Tinha o espaço suficiente para duas pessoas e o necessário para sobreviver, mas tudo muito limpo e

organizado. Uma cama de armar, mesa, cadeira, um fogão a lenha com uma chapa de ferro que abria em duas bocas. Pannelas. Uma dispensa fechada e uma estante com livros. Sem dúvida um ambiente acolhedor, aquecido por pequenas toras em brasa e uma chaleira de ágata com um coador de pano. Acima do fogão ficava a torre, que servia de saída da fumaça e posto de observação. Subindo por uma escada de pedras seculares até o topo, podia-se ter a visão da rodovia.

_Sente-se, Hombre! Podemos conversar e tomar café. Pegou duas xícaras de ágata encheu com café. Estava com a cabeça raspada, barba rala, calça jeans surrada, coturno e aqueles olhos de morcego com a expressão de estar sempre pronto para ação!

_Amparo está em Bilbao. Dando aulas na Universidade -disse de chofre.

_Mas, como? Quando nos despedimos ela ia para Paris aproveitar os últimos dias de viagem na Europa! .

_Ela foi. Estava hospedada no Albergue Internacional da Juventude em Paris, quando recebeu a notícia do convite para dar aulas de História na universidade. A participação no Congresso de Direitos Humanos apresentando as denúncias da exploração de trabalho infantil e prostituição de menores foi decisiva. Convidaram-na, e vai ficar um ano dando aulas, podendo até renovar o contrato. Era tudo que ela queria.

_Amparo é muito competente.-disse

_Ela queria ficar em Bilbao. Tinha projeto de uma pesquisa sobre as origens do povo basco. Agora é a oportunidade. Estive com ela na universidade. Ela queria saber de você.

_De mim?

_Sim. De você Sudaca. Escuta, ela é uma boa moça.. Você entende o que quero dizer?

_Primeiro que não houve nada entre nós, depois o que você respondeu á ela?

_Eu disse que você estava em *Kastrexana*.

_Mas como é que você soube?

_Bem, isso é segredo. Tenho meus informantes! Escuta, você vai procura-la?

_ Vou sim. Quando voltar para Bilbao. Tenho pensado muito nela. Mas mudando de assunto. Quais são os teus planos?

_ Vou ficar um tempo por aqui até o pessoal da minha base se reorganizar. São alguns dias de férias. Aqui estou em segurança.

_ Aguri, fiquei feliz com o nosso reencontro. Você com saúde e pronto para a luta. Abraçou-o fraternalmente.

_ Diga-me como faço para voltar para o restaurante?

_ É fácil. Venha comigo que vou te mostrar. Saíram á porta e ele apontou-lhe uma outra trilha.

_ Olhe, siga sempre em frente. Você vai encontrar um pequeno riacho. Atravesse e continue até chegar na ferrovia. Então siga a direita em quinze minutos estará na estação de *Kastrexana*. Este caminho é mais fácil do que pela montanha. Não tem erro.

_ Até mais ver.

_ *Hombre!* cuidado com as *chicas*.

Seguiu a trilha. Encontrou o pequeno riacho e logo estava caminhando pelos dormentes da ferrovia em direção a estação. Aguri estava realmente bem escondido! Passou na frente da *cerbeceria*, mas não entrou. Subiu em direção a igreja. Estava cansado. Tinha sido um dia de muitas emoções. Queria deitar-se, talvez pensar em tudo que a vida estava lhe reservando para o futuro. Abriu a porta e foi direto para a sacristia deitar seu corpo cansado. Agachou-se até o assoalho para sentar-se no colchonete e deitar-se. Ficou olhando aquele forro azul, com manchas de umidade e algumas aranhas seculares trabalhando suas teias seculares. Lembrou-se da virgem ao lado do altar.

“Estranho tive impressão que ela desapareceu do pedestal”. Pensou em levantar-se para verificar. Desistiu e adormeceu.

Begoña, a filha estava martelando furiosamente no piano, as escalas de dó a si. Depois viriam os intermináveis exercícios de técnica pianística. Aquele som angustiante saía pela janela da sala que ficava encima da *cerbeceria* e espalhava-se por toda região. Ouvia-se na igreja, na vila, na estação, (dizia-se que

quando o trem da FEV parava, os passageiros sabiam que era a filha do Garay o velho, estudando piano) e também no castelo em ruínas, onde se escondia Aguri. Na verdade ela não gostava do piano. Begoña, a mãe é que insistia. Era obsessiva. Dizia “Vamos ter uma concertista na família. Begoña tocará no Teatro *Arriaga!*” Esperava ansiosa a hora de levar a comida do Aguri. Ficariam juntos algumas horas, poderiam se amar calmamente, depois em silêncio ouvir o som da natureza e o vento que entrava pela abertura da torre em ruínas, enfim sonhar com o futuro!

Desceu as escadas para o restaurante. Preparou a marmita com todo carinho e todas iguarias. Saiu pela porta dos fundos.

Garay o velho estava na oficina de Garay Terceiro trocando idéias para a venda das figuras na loja de artesanato da *Plaza Nueva*.

_Tens que parar de esculpi-las. Há de chegar um tempo que teremos bonecos em todos os cantos de *Kastrexana!*

_É verdade.

Naquele momento Begoña a filha vinha entrando com a marmita.

_Pai, estou indo levar a comida de Aguri.

_Vá pela montanha, filha. Fique de olho aberto. Os militares andaram patrulhando a estrada pela manhã. Estiveram aqui, se fazendo de tontos e espiando tudo!

_Tomarei cuidado.

Bateu cinco vezes na porta como tinham combinado. Aguri abriu. Abraçaram-se e se beijaram .

_Os milicos estiveram rondando -disse –Acho que você não devia ficar muito tempo.

__Eu sei. Lá de cima na torre vi quando a viatura passou em direção a *Kastrexana*. Não se preocupe aqui estou seguro.

_Não esta, não. Você vai para Bilbao. Pra casa de Mercedes e Diego. Fizemos uma reunião com Diego e acertamos os detalhes. Vamos tirar você daqui hoje à noite. Foi resolução da base. Você não pode cair novamente. Eles vão te apagar, entende?

Aguri ouvia atentamente olhando-a emocionado. Abraçou-a novamente.

_Aguri,.Carinho!, Temos que usar a razão e não o coração.Você não está passando férias.Ficamos aqui nos amando no bem bom, mas o cerco está fechando.

_Você esta certa.Depois que comer arrumo tudo para não deixar pistas e ficarei pronto para partir.Beijaram-se demoradamente.As roupas foram atiradas pelos cantos.Olhou-a com paixão. Os corpos nus.Abraçaram-se, e se amaram sobre as pedras seculares.

Oficial Gay

Acordou com um barulho ensurdecedor de sirenes.Pensou em incêndio.Incêndio na igreja. Sim! Não!Estava ainda no torpor do sono.Polícia!Sim, era a polícia.Pensou em Aguri.Levantou-se rapidamente.Enfiou o jeans pelas pernas, tênis e correu para a porta.

_Senhor, por favor, seus documentos?Ali estavam duas viaturas policiais e quatro militares armados até os dentes.

_Vamos, entrem por favor! Meus documentos estão na sacristia.

_O senhor não é o padre, não é? E, muito menos o sacristão, que pelas nossas investigações morreu no século passado!

O cortejo atravessou a nave da igreja com quatros militares marchando atrás dele .Entraram na sacristia e se espalharam por todos os cantos procurando, e vasculhando, enquanto o oficial mal-encarado o fulminava com olhar, revirando os olhos para cima e batendo o coturno no assoalho.

“Acho que o Oficial é gay”!- pensou.

Em seguida com a voz de barítono desafinado berrou:

_O senhor vai ter que se explicar!.

Mostrou-lhe o passaporte Ele o arrancou de sua mão.Folheava e o olhava! Folheava e o olhava!

“Hum!Ele leva jeito”!-a verdade é que o oficial era mesmo gay!

_Muita bem, aqui esta tudo certo.Explique-nos o que o senhor esta fazendo aqui neste museu?

_Oficial! por aqui tudo limpo.Só encontramos livros religiosos e velharias -gritou um policial.

_Bem, Oficial, como o senhor esta vendo sou um Sudaca.Estou vivendo aqui na igreja.E durmo com os santos!Mostrou-lhe um sorriso amarelo.Veja tenho as chaves!.

_Não estou para brincadeiras.Estamos atrás de um terrorista do ETA que se evadiu da nossa viatura semana passada na autopista Bilbao –Donostia.Tenha cuidado senhor, ele é um perigoso guerrilheiro!O tom de voz do oficial tinha mudado, mas ele continuava mal-encarado e gay.

_Tenha uma boa estadia aqui neste museu-disse displicentemente e saíram em formação batendo suas botas pelo assoalho do corredor da nave até não se ouvir mais, terminando, com o bater estrepitante da porta principal.

_Museu! -É a casa da mãe dele-.Tenho que avisar Aguri .O cerco esta se fechando-pensava em voz alta.

Saiu para a *cerbeçeria* do Garay.Entrou .No balcão estava Garay Primeiro.Pediu um cortado.Ele contou que tinha visto toda a movimentação envolta da igreja e que os policiais já tinham estado na *cerbeçeria* pela manhã, atrás do Aguri.

_Os milicos acreditavam que Aguri estava na igreja.Sabe, ontem a noite uns tios estranhos jantaram aqui.Pai desconfia que são espias.Eles pensavam que você era o Aguri.

_Foi uma batida da pesada mais eles se fuderam!Começaram a rir.

_Foda-se ! temos que avisar Aguri!– completou.

_Não, você não sai daqui de jeito algum.Os milicos podem estar esperando a tua reação.

_É verdade.E teu pai?

_Saiu, Todos saíram.Não sei aonde foram. Sumiram.Temos que esperar para agir.Nessa hora a organização faz a diferença.Ele estava aflito.

Anoitecia quando Begoña a filha chegou com a marmita e uma mochila pesada nas costas

Parece que agora está tudo calmo por aqui? Estivemos apreensivos no esconderijo de Aguri.

_ Sim, mas aqui tudo saiu bem. Os milicos estiveram na igreja. Tinham informação errada. Pensaram que Aguri estava lá escondido. Vieram com tudo e se deram mal.

_ Ótimo. A rodovia já está livre. Eles suspenderam a barreira. Vi pessoalmente.

_ Sudaca! você vai ter que nos ajudar. Vamos tirar Aguri quando escurecer.

_ Pode contar com minha ajuda. Estou pronto. -disse.

_ Você vai junto com Aguri para Bilbao. Arrume sua mala de viagem.

_ Fale-me mais.

_ Não, Depois você saberá. Suba para a igreja prepare tudo e espere. Estamos saindo em meia hora!

_ E o Velho?

_ Não se preocupe. Ele está bem -disse sorrindo e fazendo um gesto com a mão fechada. -*Vale!*

_ Valeu, hem!

Subiu o caminho da igreja sabendo que seria sua última hora em *Kastrexana*. Abriu a porta e caminhou tateando pelo corredor da nave guiando-se pelos bancos. Havia pouca claridade que filtrava pelos vitrais percebendo-se as silhuetas dos santos formando um balé com figuras estáticas. Antes de cruzar o altar passou pela imagem da Virgem. Olhou e pensou - "É a última vez que a vejo". Ela estava com seu doce sorriso. Entrou na sacristia acendeu a lâmpada empoeirada. Arrumou suas roupas, pertences, livro de anotações, pesetas, cheque de viagem, seus óculos escuros. Foi acomodando tudo nos bolsos da jaqueta. Limpou a mesa de papéis. Guardou os colchonetes e dobrou os cobertores (eram de Diego). Finalmente, deu uma ordem na desordem que os policiais fizeram e varreu a sacristia deixando tudo como tinha encontrado. O lixo no canto da parede! Sentou-se esperando os acontecimentos. Olhou para o forro de madeira azul secular com

umidade nos cantos da parede.O incansável trabalho secular das aranhas tecendo as teias também seculares e pensou- “Talves, eu tenha vivido aqui nesta igreja alguns séculos atrás”.Subitamente algo iluminou sua idéia- “O sorriso da santíssima”.Juro que ela estava sorrindo.Voltou para verificar.Olhou.Não havia sorriso. “Estou louco”!

Seus pensamentos foram interrompidos com fortes batidas na porta principal da igreja.Chegaram.Pegou sua maleta de viagem.Deu a última olhada na sacristia e apagou luz.Passou pelo altar.Olhou para a Virgem.Ela estava sorrindo!Continuou pelo corredor até a porta. Abriu.Ali estava Diego Clavé em carne e osso.

_Vamos depressa.Fechem a porta.O carro está na *cerbeçeria*.

Desceram juntos em silêncio.Ele na frente apressado do mesmo jeito de sempre, camisa de mangas curtas, óculos, cigarro na boca.Na porta estavam Garay o velho, Begoña mãe e os filhos. Dentro do carro estavam duas pessoas.

Garay abraçou-o afetuosamente, depois Begoña a mãe e os filhos Primeiro, Segundo e Terceiro.Begoña filha conversava pela janela com uma estranha que estava no banco de trás.O Velho recomendou que Diego viaja-se pela rodovia marginal.Era mais longa, porém mais segura.

_Não, Velho.É mais seguro pela autopista principal.Os militares estão vigiando todas as marginais.Eles não apostam na nossa ousadia.

_Vamos.Não percam mais tempo!-alertou Sudaca.

Na frente, Mercedes.Ele entrou para o banco de trás, onde estava a mulher de costas segurando nas mãos de Begoña filha.

“Hum! muito estranho.Quem será esta” *chica*”- pensou.

_Tenha cuidado, vê onde põem a mão Sudaca.Era Aguri travestido de mulher!Começaram a rir, enquanto Diego manobrava para entrar na autopista com destino a Bilbao.

_Adeus!- gritou Begoña.

_Dirija devagar para não levantar suspeitas.-Recomendou o Velho.

_Vão com Deus!-rogou Begoña mãe.

_Então, este é o disfarce.Muito criativo.Ninguém poderá suspeitar de dois casais em viagem de volta para Bilbao!- disse.

_Mercedes encarregou-se do trabalho artístico da maquiagem e peruca. O vestido , sapatos e brincos são de Begonã.

_É verdade.Trabalhei como cabeleireira e maquinadora no Royale durante vinte anos.Cabeças famosas passaram por estas mãos.Hoje, a minha clientela é unisex de corte com a maquina.Um horror! o Royale entrou em falência.Fomos todas despedidas.

_Não se queixe carinho.O mundo mudou!-concluiu sabiamente Diego.

Sudaca mirou Aguri na penumbra do interior do veiculo e concluiu que Mercedes realmente o tinha transformado numa linda “chica”.O disfarce era perfeito.

_Acho, que se entrarmos, em qualquer lugar público ninguém notará!

_Mercedes é tão perfeccionista, que me mandou raspar as pernas e braços!.

Diego dirigia sem exceder o limite de velocidade, mas fumava como um desesperado de tal forma que, com os vidros fechados devido a friagem da região montanhosa, a fumaça transformou-se numa nuvem cinzenta.Mercedes sufocada protestou nervosa!

_Abram as janelas!- este tio não para de fumar.Vamos morrer sufocados se escapar dos milicos.Rápido e obediente Diego desceu o vidro e a nuvem espessa soprou para fora pelas duas janelas abertas..Os ânimos se acalmaram!

As primeiras luzes de Bilbao, os viadutos, depois os edifícios.

Um Abujero dentro outro Abujero como dizia Diego. Estávamos em casa. Sãos e salvos.

Ainda era cedo.A cidade movimentada de um domingo que terminava.

O destino do Sudaca era novamente o Albergue Bilbao.Pensou em Amparo.Tinha que revê-la.

_Aguri! perguntou de súbito, a onde encontro Amparo?Todos olharam assustados para ele, inclusive Diego pelo retrovisor.

_Que interesse! hem! -Não sei.Mas você vai encontra-la na Universidade. Departamento de História.

_Diego deixe-me em Altamira, Você vai passar em frente ao Albergue.

_Boa idéia.Não podemos facilitar.A sorte nos favoreceu! Parou um instante próximo a ponte.Ele desceu rápido.

_A gente se vê!Valeu!-gritou.

Voltou caminhando com sua maleta de viagem.Pensando que nos próximos dias teria onde dormir e comer.Depois só Deus sabe.Amanhã teria que trocar uns cheques de viagem porque as pesetas estavam acabando e depois iria a universidade.Ver Amparo.

Entrou pelo portão principal e caminhou pela alameda até a entrada daquele prédio tão conhecido.Sorriu para as recepcionistas.Elas retribuíram.Realmente familiar!Era a terceira vez que se hospedava.

_Olá!

_Olá!Estas de volta.Pareces mal?

_Sim.Estou.Um pouco cansado!

_Não te esqueças, quatro dias de permanência!Aqui os tíquetes da comida.Ficarás no quarto quatrocentos e dois de duas camas, no quarto andar.Eis as chaves e o regulamento que já conheces.*Bienvenido* ao Albergue Bilbao.

_*Gracias*.Pegou as chaves, a maleta de viagem.Subiu pelas escadas.Entrou com tudo na privada.As tripas já estavam dando um nó.Aliviou o conteúdo de três dias.

Abriu a porta do quarto esperando encontrar um companheiro.Tudo bem arrumado e limpo como sempre.A outra cama vazia, o armário também vazio. Ótimo!Estarei aqui como um rei..Colocou a maleta encima da cama.Abriu.Tirou as roupas de dormir.

“Vamos tomar um banho dos pés a cabeça, devo estar fedendo, também faz um bom tempo que não sei o que é um chuveiro” - falava com seus botões.Pegou a toalha e saiu para o banheiro.

Quando voltou sentia-se limpo, leve, e perfumado com atoalha enrolada na cintura e a roupa usada enrolada para a lavanderia.

Entrou no quarto de cara com um gringo do tamanho da porta, com uma mala enorme espalhando as roupas e tralhas por todo lado.

“Porra, acabou meu sossego”!-pensou.

_Olá!- disse. “Vamos ver se ele fala o portunhol”.

_Olá!Eu sou Erik de Oslo, estou viajando pela Espanha.

_Encantado.Pode me chamar de Sudaca.Estou perdido na Espanha há três meses!

O norueguês continuou desarrumando e depois arrumando tudo no armário.Não falou mais.!

Vestiu enfim, seu pijama e enfiou-se embaixo das cobertas.

Aquela cama macia, maravilhosa dava uma sensação de prazer, para seu pobre corpo cansado, que, enfim estava encontrando um repouso digno de um sudaca.

_Boa noite- disse.

_Boa noite- Erik continuou mexendo suas tralhas.

Fechou os olhos sentindo o peso de noites mal dormidas e empacotou nos braços de Morfeu.

Acordou no dia seguinte renovado e com fome.Outro banho, barbear-se, roupa limpa e café reforçado.O norueguês dormia pesado.Quando voltou estava remexendo em tudo novamente!.

_Olá! Erik, como estás.Não te esqueças o café termina às nove horas.

_Olá!- Si, Si, não te preocupes descerei em tempo.

O Manuscrito de Sócrates ou O chinês enlouqueceu.

Por sua vez, o Sudaca vestiu-se. Calça jeans, suéter preto, calçou o tênis surrado, documentos, pesetas e desceu.No refeitório já tinha formado a fila.Todos jovens com a bandeja desfilando pelo balcão e pegando fatias de pão, manteiga, geléia, açúcar em pacotinhos, frios e uma xícara grande de café com leite.

_Olá! saudou a garçonete.Entregou-lhe o tíquete da refeição, e foi abastecendo sua bandeja com tudo que tinha direito.Levou até uma mesa ainda vazia e sentou-se.Não demorou duas moças e um rapaz se acercaram e educadamente em espanhol com sotaque estrangeiro pediram licença para sentarem.Sorriu e gentilmente aceitou a companhia.Eram ingleses.Bem aquele refeitório agora s tinha-se transformado na antiga Babilônia.Ouvia-se todas as línguas ao mesmo tempo e não se entendia nada.Ele como bom Sudaca comeu,e pediu licença.Entregou a bandeja e foi tratar da vida.

Quando passou na sala de leitura em direção as escadas para o andar térreo,Erik o norueguês estava sentado na poltrona com as mesmas tralhas, papéis ,mapas.Aproximou-se.

_O que tanto procuras *Hombre!*

_Não consigo achar o endereço de um velho chinês!-disse Tenho informações que me foram dadas em Sevilha que ele esta aqui em Bilbao.Mas, as mais recentes, é que você sabe onde esta o Mestre!

_Você esta falando do Mestre chinês?

O rosto do norueguês iluminou-se e seus olhos brilharam.

_Sei, sim-disse.

_Então, por favor diga-me a onde ele está.-estava ansioso.

_Primeiro eu quero saber quem te disse que conheço o Mestre e o motivo.Esta bem?

_Quanto à fonte não me foi autorizado a revelar!Agora o motivo é uma longa estória.Quer ouvir?

_Sim!conte-me.

_Lá se vão mais de trinta anos Ching Chuan então titular da cadeira de Filologia, trabalhava com o professor Gunnar na universidade de Atenas, pesquisando inscrições sobre um suposto manuscrito de Sócrates. Pouco antes de tomar a taça de cicuta, Sócrates, entregou seu testamento filosófico á Apolodoro seu mais emotivo discípulo, e não a Platão, que não participara do último diálogo com seus discípulos no cárcere. Desde trezentos e trinta e nove antes de Cristo o manuscrito tinha desaparecido. Ching Chuan e meu pai, decifrando inscrições em antigos documentos descobriram que o manuscrito estaria na Casa dos Delfins na ilha de Delos. É uma ilha mitológica e portanto sagrada, que fica distante de Atenas. Os dois partiram de navio para a ilha de Miconos e depois para Delos.

_Então encontraram?-perguntou.

_Tudo em vão. Retomaram as investigações e concluíram sem dúvida alguma que Ching Chuan teria cometido um erro na interpretação das inscrições. A ilha seria Delfos. Foram dez anos de escavações nas encostas do Monte Parnaso e estendendo até as imediações das ruínas do Oráculo de Apolo, assim como, pesquisas no museu local e em numerosos objetos da arte Helênica sem sucesso. Meu pai morreu de uma febre misteriosa e foi enterrado em Delfos. Mas no leito de morte, um viajante grego conhecido por Philoupapou murmurou no seu ouvido, que o manuscrito de Sócrates estaria com um antiquário árabe de nome Kacin em Sevilha, no bairro da Juderia. Ching Chuan prometeu a meu pai que encontraria Kacin e resgataria o manuscrito para a universidade de Atenas.

_E você Erik, qual é a sua parte nesta fantástica estória.

_Bem, eu sempre vivi com minha mãe em Oslo. Recebíamos cartas de meu pai em que relatava sua procura obstinada. Ching Chuan foi visitar nos em Oslo entregando uma caixa lacrada com os pertences de meu pai. No entanto o mais estarrecedor é que no meio de velhos documentos, mapas e anotações encontrei um cartão do clube noturno Alexander em Santorini, com uma mensagem no verso.

_Veja!-Abriu a bolsa tiracolo e puxou cuidadosamente um cartão.Realmente ali estava Alexander Night Club e atrás escrito:

O chinês enlouqueceu.

_Sim.Mas o que Gunnar queria dizer?E o que ele e Ching Chuan, ou melhor, o Mestre chinês estavam fazendo em Santorini?

_Bem, é um mistério.Você sabe Santorini é uma ilha turística freqüentada por milionários próxima de Miconos e portanto de Delos e Delfos.O segredo está com Ching Chuan o Mestre chinês.. A última vez que vimos o chinês eu tinha dez anos.Quando minha mãe morreu há cinco anos decidi que encontraria o chinês.Assim tenho percorrido toda a Europa.

_Qual o destino de Kacin o antiquário?

_Boa pergunta.O paradeiro do antiquário esta encoberto por uma nuvem de fumaça.Ele desapareceu há dez anos atrás.Estive em Sevilha, investigando o seu desaparecimento. Na juderia, as pessoas não gostam de dar informações e com muita dificuldade cheguei a uma cigana secular que jurou ter visto Ching Chuan com Kacin antes do grande incêndio. Foram mais de dois anos de investigações atrás do chinês. Suponho que o manuscrito de Sócrates esteja com Ching Chuan, o Mestre chinês.

_Tudo isto é muito estranho!-disse.Diga-me, como você descobriu que ele estava em Bilbao.

Na igreja da Sagrada Família em Barcelona, falavam de um velho chinês conhecido por Mestre, que era cego e filosofava no bairro Gótico.Infelizmente quando ali cheguei e perguntei para um mendigo e ex-sacristão da Catedral Gótica de nome Ontaño, ele fazia sinais com as mãos e grunhidos com a boca.Percebi que era mudo.Bem, após tentar diversas formas de comunicação, ele escreveu, que tinha ajudado o mestre pesquisando os arquivos seculares do porão de catedral.Encontraram os Comentários, sobre Aristóteles, escrito por Averrois.Ching Chuan pensava que a referencia sobre o testamento filosófico deixado por Sócrates fosse ali encontrado.Tudo em vão.

“O Mestre foi para Bilbao”. – Ontanõ escreveu com a mão tremula. Ele estava desolado!.

_ Agora você pode me levar até o Mestre?

_ Sim. Tenho que te ajudar a desvendar esse enigma secular! - afirmou.

_ O Mestre vive no *Casco Viejo*! Vamos.

Quando saiu do metrô na estação Casco Viejo. Erik estava ofegante como se tivesse feito o trajeto correndo. O norueguês não estava passando bem. Na praça havia poucas pessoas, alguns turistas e nenhum jovem na praça onde o mestre filosofava.

“Alguma coisa estava errada”-pensou

_ Vamos até *Santos Juanes*,. Ele mora em um porão.

Perceberam uma pequena aglomeração de homens na porta.

_ Por favor, o que esta acontecendo.

_ O chinês está morrendo.

Erik entrou empurrado e afastando as pessoas da porta.

_ Deixe-me entrar, deixe-me entrar!

_ Ching Chuan! Escute, Lembra-te de Gunnar?

_ Sim, Vieste do inferno Gunnar?

_ Não Mestre. Sou Erik, o filho.

_ Sim, Lembro-me. Naquele tempo eu tinha olhos de tigre. Foi o maldito manuscrito que me tirou a visão!

_ Como assim Mestre.?

_ Espere! tem mais alguém contigo que conheço? É o Gafanhoto, não é?

_ Sim - Sudaca confirmou. Como sabes? Mestre.

_ Pelo cheiro!

_ O manuscrito Mestre, fale do manuscrito de Sócrates.-Erik insistiu desesperado. Com uma voz tumular ele narrou:

_ Fui para Sevilha procurar o antiquário árabe Kacin. Encontrei-o na Juderia. A principio ele negou, dizendo que não trabalhava com antiguidades gregas, mas, depois mostrou sua biblioteca de livros raros, um diário de bordo do seu antepassado bérbere, vasos gregos de Herculano, tapetes de Buhará. Estava restaurando o

planisfério de Al-Idrisi. Ofereci tudo que tinha de valor inestimável- o colar raro da dinastia de Xi'an para Buena Dicha a cigana secular.Ela ficou encantada! Ele examinou cuidadosamente com sua potente lupa artesanal e concordou em doar o pergaminho com o manuscrito do testamento de Sócrates, para a universidade de Atenas, mas, com uma condição, de não desenrolar o canudo na sua presença!Ele chamou de a maldição de Platão.Tudo estava rodando na minha cabeça.A arteriosclerose!...estava me destruindo!

_Porque a maldição de Platão?- Erik perguntou.

_Boa pergunta filho de Gunnar! Platão ficou magoado por não ter sido o depositário do testamento, e rogou uma tremenda maldição.

_Continue Mestre

_Kacin tinha alertado que não devia abrir o pergaminho.Não levei a sério.O meu egoísmo foi maior. Passei a vida toda procurando.Gunnar faria o mesmo!Tentei arranca-lo de suas mãos, mas não consegui.Kacin, por sua vez também puxou o pergaminho.Puxa pra cá Puxa pra lá -E se abriu nas mãos do árabe.

_Então... a... luz!...Tremenda!A... engenhoca!...a engenhoca...explodiu!.Era hidrogênio puro, incandescente. Atingiu meus olhos e cegou-me. Corri desesperado de dor para a rua, enquanto o pergaminho ardia em chamas transformando Kacin em uma tocha humana.O incêndio destruiu vários quarteirões da juderia .

Erik tomou as mãos do Mestre entre as suas.Tinha lágrimas nos olhos.

_Filho, volte para sua terra.O motivo da tua angustia terminou.- disse com um sussurro.

Ching Chuan o mestre chinês estava morrendo.Erik não suportou a cena e afastou-se. Porem a resposta do enigma estava por acontecer!Pouco antes do último suspiro o mestre chinês, sussurrou-

_Gafanhoto! Gafanhoto!

Ó Sudaca abaixou a cabeça e colocou o ouvido junto da sua boca para melhor ouvi-lo.

_ Sócrates era um alienígena!-sussurrou arquejante.
_ Sentiu um estremecimento que lhe percorreu o corpo inteiro.Quando voltou a olhar, o chinês tinha desencarnado!
_ Ele levantou a cabeça para Erik que estava nas suas costas.
_ Você ouviu?
_ Sim.Decididamente, Ching Chuan o Mestre chinês enlouqueceu!-concluiu.

Atravessaram o *Casco Viejo* em direção ao centro,completamente aturdidos com a revelação do Mestre.Erik prometeu que o segredo do manuscrito de Sócrates iria consigo para o túmulo.Entretanto certas palavras proferidas martelavam a cabeça “a engenhoca... a engenhoca explodiu!”

_ O mundo jamais saberá!- disse.
_ Apenas uma pergunta, ficou sem a resposta do Mestre -O que aconteceu no Alexander em Santorin para Gunnar anotar no cartão “O chinês enlouqueceu” -conjeturou.
_ Voltarei para a Grécia e descobrirei-afirmou categórico Erik.
_ Sudaca!-ele estava intrigado.
_ Sim, desembuche *hombre!*
_ O que quer dizer a engenhoca explodiu!.Sudaca deu de ombros.
_ Delirium tremens ou mortis!?!?- sei lá.

Como a vida deve continuar, duas semanas depois Sudaca tomou coragem para procurar Amparo. Estava como coração apertado de tantas revelações e emoções.Caminhou até o terminal de ônibus e, decidiu tomar o Metrô San Mamés até Abando.
Precisava trocar alguns cheques de viagem.Passou pela Plaza Circular, onde estão localizados importantes banco, o Corte Inglês, famosa rede de lojas de departamentos e notou que tudo

estava sob policiamento ostensivo. Aproximou-se da banca de jornal para ler as notícias e saber o que acontecia.

— É o ETA distribuindo panfletos—Disse-lhe o jornaleiro. Tenho certeza que Aguri não está nesta ação.—pensou. Continuou seu caminho até o banco. Subiu as escadarias quando foi barrado por um policial.

— Pare senhor!

— “Que será que este tio quer, afinal, preciso trocar cheques” — mastigou as palavras.

— Vou ao cambio.—disse em tom alto

O oficial veio em sua direção. Olhou-o.

— Não nos vimos antes? Tornou a olhar, e revirou os olhos.

— “Umh! É o oficial gay de *Kastrexana*”.

— Pode passar—Ordenou com voz de barítono desafinado.

Entrou. Foi direto ao caixa fazer o cambio pensando em como se livrar daquele tio. Ele o tinha reconhecido, com certeza.

— “Só faltava esta”. Pegou suas pesetas. Sentou-se no confortável sofá da recepção de onde se podia ver o movimento externo e esperar que o oficial gay saísse da porta. Este era um banco tradicional de Bilbao. Muito luxuoso. Piso em mármore. Colunas imponentes. Tudo muito bem protegido por câmeras internas e vidros escuros a prova de roubo. O mundo das finanças sabe como se defender.

O oficial entrou e tomou a direção da guarita interna. Passou pelo corredor do lado olhou-o e sorriu. Parou para dar ordens ao policial da guarita.

Foi o que ele precisava para livrar-se. Nesse momento, levantou-se rápido e desapareceu pela porta giratória. Tomou a direção da Plaza Venezuela, para depois atravessar a ponte do *Ayuntamiento* e descansar no *Paseo Volantin* sentando-se com a vista para o *Nervion*.

— “Finalmente me livrei! Como é cedo poderei ir caminhando até a Universidade”. Foi andando pela margem, admirando o Guggenheim, (talvez, desta vez Amparo aceitasse seu convite) a arquitetura da Ponte Calatrava. Quando se deu por conta estava defronte da Universidade. .Entrou.

Tinha que encontrar o Departamento de História. Perguntou a um grupo de alunos que conversava.

_É aquele prédio amarelo, á direita.- disse o jovem com óculos escuros na cabeça prendendo os cabelos.

_ Gracias.

Estava se aproximando quando viu Amparo de bolsa a tiracolo, toda charmosa, descendo a escadaria. Gritou:

_ Amparo! Amparo! Ela virou-se. Avistou-o. Acenou com a mão e veio ao seu encontro sorrindo!

Abraçou-a carinhosamente. (Queria dizer da sua saudade, que seu coração estava apertado de emoção com a revelação do Mestre chinês).

_ Como estas? Há quanto tempo!

_ Estou bem. Feliz. Consegui um contrato de um ano na cadeira de História. Tanta coisa de bom tem me acontecido. E agora te encontrar novamente!

_ Verdade?

_ Sim, verdade! Eu pensei que nunca mais nos veríamos depois do encontro na *Plaza Nueva*. _ Em Paris, pensei muito em você. Tudo é muito romântico. Chorei! _ Depois a notícia do interesse pelo meu trabalho no congresso e o convite para dar aulas. Será que eu mereço tudo isto?

_ Sim, você merece porque tem talento e é adorável. Ela segurou suas mãos.

_ Venha comigo. Eu te convido para almoçar. Vamos ao restaurante da universidade? É bandeirão! Levou-o pelas mãos.

Almoçaram e conversaram.

_ Podemos nos encontrar mais tarde, claro se você quiser, e iremos ao apartamento de Mercedes. Ela se dispôs a alugar o quarto, então eu ficaria morando com eles este ano. O que você acha?

_ É uma boa idéia. O quarto dos fundos já esta mobiliado. Eles me hospedaram quando cheguei. Mas, Aguri esta escondido ali. Você sabia?

_ Sabia. Então, eu também quero conversar com Aguri, se ele aceita ir para o Casco, ficar no porão onde viveu o Mestre. O lugar

esta fechado .Mesmo porque o apartamento de Mercedes não é seguro!

_E, porque?

_Temos suspeitas de que Diego esta sendo seguido.Os militares estiveram na igreja em *Kastrexana* não foi só por sua causa.Quando eles deram aquela batida, e sacristia foi revirada.Eles estavam procurando material de propaganda.

_Claro!Eles reviraram tudo, livros e armários Eles profanaram o templo!.Mas estas informações são novas e de muita importância.Seria também uma boa oportunidade de rever Diego e Mercedes.Outra coisa, você sabe que eu e o Erik presenciamos a morte do Mestre?

_Os professores da universidade foram no enterro do pobre homem.Não venha me dizer, que foi o Erik do manuscrito de Sócrates!

_Exatamente ele!.Mas, você também conhece esta estória?

Sim.O Erik esteve no departamento de Antropologia procurando o professor Jon Ander.Como você sabe, o professor está me orientando na pesquisa sobre a cultura secular Basca, e assim participei da conversa.Ele portava uma série de mapas e anotações feitos pelo pai .As pesquisas do professor Gunnar e Ching Chuan em Atenas, Delos e Delfos são muito interessantes, mas, as conclusões são duvidosas.O professor Jon Ander foi categórico.

“Ching Chuan enlouqueceu”!

_Como assim?Ele conheceu o Mestre?

_Sim.Ele contou-me que é admirador dos trabalhos de Ching Chuan, pelas suas pesquisas na universidade de Atenas.Mas,que, lamentavelmente, nos últimos anos, ele só tem apresentado quarenta por cento de sanidade mental, segundo exames por ultrasonografia computadorizada.

_E, como o professor Jon Ander teve acesso a estes exames?

_Há dois anos, segundo o professor me informou Ching Chuan compareceu no hospital civil de Basurto para exames neurológicos.

Por outro lado, pessoalmente, não vejo embasamento científico em que Sócrates tenha redigido um testamento e entregue a Apolodoro. A Universidade não aceitou esta teoria. Não há provas documentais científicas. O Erik sabe de tudo, mas é um obstinado incurável. Eu, também tentei afastar da idéia do Erik procurar o Aguri. Mesmo porque ele não o encontraria. Ele tanto insistiu que determinei:

”Procure pelo Sudaca no albergue. Ele sabe onde esta Ching Chuan o Mestre chinês”!

_ Há! então foi você! mas Amparo está estória tem alguns pontos obscuros. As últimas palavras de Ching Chuan no leito de morte foram convincentes. Impressionou-me. O mesmo aconteceu com Erik. Tenho conversado com ele, entretanto, está determinado a viajar para Atenas.

_ Creio que não há mais nada a fazer-disse secamente.

_ Há sim. E este dado você não conhece!. Trata-se de um cartão de um clube noturno em Santorini o Alexander, escrito pelo Gunnar e encontrado pelo Erik no espólio do pai.

_ E o que ele escreveu.

_ O chinês enlouqueceu!

A gargalhada aguda de Amparo ecoou pelo pátio, espantou os pombos num farfalhar de azas, e todos que almoçavam se voltaram para eles!

_ Foi à mesma conclusão que chegou o professor Jon Ander!-disse-abaixando os olhos um pouco encabulada!

_ Bem, Acho melhor nos retirar.(era o que eles podiam fazer em virtude do mal estar que dominou o ambiente).

-Agora, volto para o albergue para acertar minha estadia e arrumar minhas coisas. Nos encontramos as oito no apartamento da Mercedes. Esta bem?

_ Até mais.

Voltou para o albergue, pensando na gargalhada da Amparo, igual aquela da Jujú. Balançou a cabeça para esquecer! Assim que chegou, a recepcionista avisou que dia seguinte, tinha que desocupar o quarto .Ele já sabia.

Pagou os dias de hospedagem e subiu .Queria encontrar Erik, conversar sobre as últimas palavras do Mestre chinês e a senha do professor Gunnar no cartão do Alexander.Tinha uma intuição que a resposta para o enigma estava no *Casco Viejo*. No porão onde o mestre tinha desencarnado.Abriu a porta, o Erik estava arrumando a enorme mala.

_ *Hombre!*Então, decidistes ir para Atenas?

_ Sim.Estou praticamente com toda a documentação pronta para viajar.Mas francamente, agora tenho poucas esperanças de elucidar este mistério.

_ Deixe-me ajudar.Tenho uma intuição.Ouçame.

_ Vamos lá, mas não me venha com as explicações científicas da Amparo e do professor Jon Ander, tentando interpretar as últimas palavras do Mestre.

_ Não, não.Mas é sobre isso mesmo que eu quero falar!Para mim é preciso analisar os acontecimentos em separado.Veja bem.Não há testemunha ocular viva sobre a existência do manuscrito de Sócrates, na Juderia em Sevilha.Pelo depoimento do Mestre no incêndio, Kaçin morreu queimado ,o manuscrito foi destruído, e ele ficou cego.A cigana com quem você falou viu Kaçin e o Mestre conversando ,mas, não viu o manuscrito.É conhecido que o Mestre vinha tendo surtos de esclerose senil há muitos anos.Nas conferencias no Casco eu mesmo observei e o próprio Aguri com sua perspicácia assombrosa alertou-me.

_ Mas a onde você quer chegar?

_ Erik, por favor, acompanhe meu raciocínio.Em Santorini no Alexander, provavelmente o professor Gunnar e o Mestre discutiam o manuscrito de Sócrates, e se não estou errado o teu pai descobriu que o estado mental do Mestre estava alterado pela arteriosclerose.

Lembre -se das palavras que ele disse no meu ouvido já moribundo- “Sócrates é um alienígena” -Lembra-se? Vamos puxe pela memória. E o que você respondeu?

_ O chinês enlouqueceu!Bingo! Sudaca você resolveu o enigma.Mas então o manuscrito de Sócrates nunca existiu?

_ Bem, isto não posso afirmar, e quem viu, já morreu, escafedeu-se.

Erik não respondeu, estava absorto. Ficou ali pensando, enquanto Sudaca se preparava para comer e rumar para o apartamento de Mercedes.

_ Sabes, amanhã tenho que levantar acampamento. Vou me encontrar com Amparo e na volta conversamos. Até mais.

_ Até mais-disse Erik com entusiasmo e decepção.

Antes das oito horas daquela noite escura e chuvosa de agosto, ele já estava na *calle Miraflores*, enfrente ao apartamento de Mercedes, que bem conhecia. Tocou o interfone, ouviu a voz avisando para subir. Entrou no pequeno elevador e apertou o botão do segundo andar. Quando a porta automática se abriu Diego Clavé estava esperando-o.

_ *Hombre!* como estas? Vamos entre. Sabes quem está aqui?

_ Sim. Amparo, Mercedes e Aguri . Todos.-disse sorrindo.

_ Errado!-disse Diego.

Na sala ampla sentada envolta da mesa preparada para uma pequena ceia estava Mercedes e Amparo .

_ Não morres tão cedo! estávamos falando de ti.- disse Mercedes.

_ Amparo! Não de ouvidos a ela. O meu passado não é recomendável, mas hoje sou um outro homem.

_ Estávamos falando da incrível estória que você e o Erik tiveram nas últimas horas de vida de Ching Chuan, o Mestre chinês.

_ Há alguns anos chegamos a conversar sobre filosofia grega. Assisti uma palestra em Sevilha com alunos da faculdade de filosofia. Ele tinha trabalhado na universidade de Atenas dando aulas de chinês antigo e filosofia. Era um lingüista. E no Casco uma figura amada pelos jovens.-disse Diego e acrescentou- era um Sócrático radical.

_ A estória do manuscrito de Sócrates é realmente impressionante, o pobre Erik que o diga!-acrescentou Amparo.

_ Mas, você sabe, em grande parte consegui demove-lo de voltar para Grécia, quando o alertei dos surtos de esclerose do Mestre, e que provavelmente o professor Gunnar tenha percebido pela primeira vez, quando os dois conversavam no clube Alexander

em Santorini. A bombástica revelação que Sócrates era um alienígena deve ter sido ouvida por Gunnar no Alexander.

_ Bem, depois dessa só bebendo um legitimo La Rioja tinto - interrompeu Diego enchendo as taças!

_ À nossa nova inquilina!-disse Mercedes levantando a taça.Todos acompanharam.

_ E Aguri?Ele estava escondido aqui, não.Inclusive, Amparo tinha alertado que havia suspeita de que você Diego, estaria sendo seguido?-ele perguntou

Diego e Mercedes sorriram.

_ Begonã e outros de *Kastrexana* levaram Aguri para Gernica no inicio da semana, de forma que os dois vão viver juntos por um tempo no apartamento de amigos não longe da Casa de Juntas e da Árvore de Gernica.Ali ele estará em segurança e a suspeita sobre Diego não terá mais sentido.-disse Mercedes.

_ A nossa luta tem sido assim em muitas décadas, e estamos cada vez mais fortes.

Olhou para Diego Clavé, lembrou do moço metalúrgico indignado com as injustiças e do frei inconformado com o desrespeito dos direitos humanos nos presídios daquela cidade.

_ Você, hem! Somente os cabelos brancos.E virando-se para Amparo.

_ Quando muda?

_ Em poucos dias.

_ Bem que podíamos dividir as despesas.-tagarelava o Sudaca.

_ Não!Não, e não. Nada disso!O quarto é da Amparo.-Mercedes foi logo toda nervosa cortando a conversa. Você, bem que pode alugar o porão no Casco onde o mestre viveu.É um bom lugar!

_ Sabe Mercedes, é por isso que eu te amo!.Você só abre a boca quando tem certeza!Mas, Amparo tem que ir junto.

_ Vou sim.Acho que é um lugar certo para você.

A conversa continuava animada, mas ele tinha que ir.Arrumar sua maleta de viagem.Despedir-se do Erik e no dia seguinte cedo tentar alugar aquele porão no *Casco Viejo*.

Despedi-se do amigo, beijou Mercedes, depois Amparo e desceu.

Tinha que andar até a Plaza Circular e tomar a condução para o Albergue.

Logo que chegou na portaria perguntou por Erik.

_ Erik o norueguês? Seu companheiro de quarto?

_ Sim.

_ Fechou a conta e partiu a pelo menos uma hora. Mas tem um bilhete para o senhor –disse a recepcionista.-entregando-lhe um envelope fechado.

Ele subiu para o quarto, desolado com a decisão do Erik.

“Um pouco mais cedo e eu o encontraria.”

Abriu a porta. Tudo arrumado. Lençóis limpos. A cama e o armário prontos para novo hóspede. Sentou-se na cama e abriu o envelope.

Caro amigo Sudaca perdoe-me, mas não esperei, e parti para Sevilha. Quero investigar a Juderia. Saber da engenhoca, e porque explodiu!

Para o ano, visitarei o túmulo de meu pai em Delos, como promessa que fiz a mim mesmo e depois volto para Oslo, minha terra.

Tenho que viver. Não quero para mim o destino de Gunnar e Ching Chuan.

Adiós caro amigo.

P.S.-você ajudou muito.

Erik

Estava cansado. Apagou a luz. Deitou-se. Ficou pensativo olhando para o teto. Entrava uma claridade pela grande janela do quarto e adormeceu.

Chegou no Casco passava das dez horas. Tinha se atrasado. Amparo acompanhava o senhorio olhando o porão. Estava com pintura recente de cor clara, outros móveis, cama, um guarda roupas e uma estante com livros.

_ Foi tudo limpo e trocado. Como a senhora pode ver, ficaram estes livros, objetos de arte e recordações seculares do Mestre. Parado ali, vendo sua nova moradia e ouvindo a conversa ele relembra os acontecimentos recentes.

_ Quando ele tinha olhos de tigre!- Sudaca arrematou.

Amparo virou-se.

_ Que susto! Estou aqui há uma hora. E, dirigindo-se para o senhorio:

_ Finalmente o inquilino chegou!

_ Então gostou?-perguntou ao Sudaca.

_ Sim. Sinto a demora, Amparo. Deixe-me ver o banheiro. Tem?- lembrou-se da igreja.

_ Claro senhor e com água quente nas torneiras. Aqui, a pequena cozinha e fora, o pátio com um tanque para lavar roupas.

_ Eu estive aqui com um amigo quando o Mestre estava desencarnando! Não sei se o senhor lembra? Foi um dia muito triste.

_ Lembro, sim. Eu estava servindo no bar, quando o senhor e seu amigo chegaram. Bem vou deixá-los a sós para decidir. Estarei no bar.

Ele olhou novamente as dependências do porão. A pequena mesa de trabalho, os objetos de arte antigos, livros empoeirados. Tudo muito simples. Pegou um ao acaso. História da Arte Chinesa Antiga. Abriu e olhou para ela.

_ Amparo!- Vou mudar-me para este lugar e viver algum tempo. Sinto uma estranha sensação de bem estar como se o Mestre ainda estivesse aqui, para aconselhar!

_ Muito bem. Faça o que seu coração mandar. Creio que aqui, no ambiente em que ele viveu, você terá tranquilidade para pensar, ler e escrever algum trabalho. Você sabe. Eu também estarei sempre por perto! Vamos avisar ao senhorio da sua decisão, que eu tenho que voltar para a universidade.

_ Faça-me um favor. Já que você está de saída, passando no bar diga a ele, que aluguei o porão.

_ Está bem. Até mais!

Depois que Amparo saiu, ele fechou a porta, sentou-se enfrente a mesa de trabalho, lembrando das palavras de Ching Chuan na pequena praça de *Santos Juanes*.

“Hombr! Escuta, o Gafanhoto e o Sudaca não diferem, são eternos solitários.”

Abaixou a cabeça.

Foi ainda possível ver esta cena no espelho, através da janela lateral da memória, que para espanto meu, já refletia as pregas indelévels do tempo passado.

Euskal Herria, o povo-nação mais antigo da Europa.

A sobrevivência.

Euskal Herria (nome que no idioma basco significa “povo da língua basca” e designa a um tempo a população e o território, o Povo Basco e o País dos bascos), é antes de tudo, uma enigmática sobrevivência.

Situado no sudoeste na Europa, no cotovelo do Golfo de Biscaia do Oceano Atlântico e a cavalo dos Pireneus ocidentais, soma **menos de três milhões de pessoas** (2.873.512 segundo os últimos censos, o francês de 1990 e o espanhol de 1991, 2.907.003 em 1993) e **menos de vinte e um mil quilômetros quadrados** (20.644).

É integrada por seis províncias (Araba, Bizkaia, Gipuzkoa, Lapurdi, Nafarroa e Zuberoa; Nafarroa dividida e separada da sua parte norte, Behe-Nafarroa, pela fronteira franco-espanhol).

Euskal Herria tem atualmente repartido os seus território e a sua população sob domínio do Estado espanhol (86% do território e 91% da população) e o Estado francês (14% do território e 9% da população).

Mas, no Neolítico estava já formado o povo basco e falava já o euskara. Falava o idioma que é a única língua pré-indoeuropeia da Europa, a única língua anterior à chegada das tribos indoeuropeias à Europa há por volta de quatro mil (4.000) anos. O euskara, a língua que carece de parentes conhecidos, a **língua ilha**. O que os atuais nomes em euskara, como a faca e o machado contem a raiz **aitz** (quer dizer, **pedra**), indica claramente que, quando se designaram esses nomes ao machado ou à faca, eram feitos de pedra.

O povo basco e o seu idioma são os mais antigos entre os que estão atualmente vivos na Europa.

Há cento e cinquenta mil (150.000) anos, na fase intermédia da glacial Riss, havia já seres humanos no território do que hoje chamamos Euskal Herria. Uma pequena população Neanderthalense morou aqui em covas, (abrigo baixo rocha ou ao ar livre durante o Paleolítico médio entre os anos 90.000 e 32.000 antes de Cristo). No final do Paleolítico superior (que abrange de 32.000 a 8.500 antes de Cristo) é que ocorreu o tipo humano que originou no **tipo basco**.

Há em Carranza, no oeste de Euskal Herria, um santuário contruído entre 25.000 e 16.000 a. C. e noutras partes do território de Euskal Herria vários construídos no interior de covas no Magdalenense (fase final do Paleolítico superior): a de Santimamiñe enfeitada por volta de 13.500, a de Arenaza contra 13.000, a de Ekain, etc, etc.

A série de crânios achados na cova de Urtiaga (em Iciar, Deva, Guipúscoa) permite contemplar bastante bem a formação do tipo humano basco. O mais antigo desses crânios, dos finais do Paleolítico superior, mostra a um tempo um grande parentesco com o homem de Cromagnon e os começos de uma evolução para o tipo basco atual, enquanto os crânios azilenses (do período azilense que decorre entre 8.500 a. C.) achados no mesmo jazido são intermédios entre o tipo Cromagnon e o tipo basco. Os crânios da Idade do Bronze achados na parte montanhosa do nosso país são já na sua maioria do tipo basco.

Tudo isso indica que *o povo basco Não se formou fora do país, vindo depois a ficar nele*. Indica que o povo basco se originou no Pireneu Ocidental *por evolução autóctone a partir do homem de Cromagnon*. Aquelas

peculiaridades craniológicas antes mencionadas foram respaldadas depois pelas investigações que demonstraram as peculiaridades do sangue do tipo humano basco (elevada percentagem de grupo 0 e muita elevada percentagem de Rh negativo).

Há pouco tempo, publicou-se nos Estados Unidos um trabalho sobre a história genética da Península Ibérica, e um outro atinente a Euskal Herria (intitulado este último “*Principal component analysis of de gene frecuencies and the origen of basques*”). Os antropólogos da Universidade de Barcelona Jaume Bertrandepetit e Francesc Calafell estudaram as freqüências de diferentes genes no ADN cuja transmissão hereditária é bem conhecida e portanto puderam estabelecer que “*a diferenciação genética do País Basco se originou haverá uns 18.000 anos, no ponto álgido da última glaciação*”. Como tem explicado um desses autores, sempre prevaleceram “*a idéia dos bascos como uma população autóctone no sentido de que permaneceram no mesmo lugar durante milhares de anos*”. O que a sua investigação supõe de novo é, como diz Calafell, que: “*Corroboramos esta hipótese e precisamos-la, dando-lhe datas e mecanismos*”.

Se algo certo pode dizer-se de Euskal Herria, do Povo Basco, é que SOMOS SOBREVIVENTES.

Euskal Herria é, antes de mais, uma sobrevivência em interação prolongada com um território que gerou uma consciência produtiva e uma repetida resistência à dominação estrangeira. Foi o processo histórico da longa interação de um grupo humano durante milhares e milhares de anos (18.000 pelo menos) com o mesmo território o que tem produzido o povo basco.

Foi uma interação *fecunda*, porque, converteu esse grupo humano numa etnia, num povo, no povo basco.

E fabricou-lhe um inestimável tesouro: a sua “*consciência produtiva*”. Quer dizer, fabricou-lhe o que segundo um autor basco (Iñaki Gil de San Vicente) é: “*um conjunto de formas e conteúdos que dotam de sentido uma comunidade fazendo-a dispor de CONSCIÊNCIA DE SI, de autoidentidade própria e diferenciada de outras comunidades*”.

De forma que está cientificamente provado que o povo basco leva, pelo menos, 18.000 anos (**dezoito mil anos**) vivendo ininterruptamente no território de Euskal Herria. E esse povo basco tem protagonizado muitas vezes a *resistência coletiva à dominação estrangeira*, que é o caldo de cultura do fenômeno nacionalista, para a manifestação da vontade de se construir como nação.

Da Red Basca Roja.